



Riquezas do Semiárido

*HISTÓRIAS DE SUCESSO IMPULSIONADAS
PELAS AÇÕES DO FIDA NO NORDESTE BRASILEIRO*

Riquezas do Semiárido

*HISTÓRIAS DE SUCESSO IMPULSIONADAS
PELAS AÇÕES DO FIDA NO NORDESTE BRASILEIRO*

SEMEAR INTERNACIONAL

COORDENAÇÃO

Fabiana Dumont Viterbo

ASSISTENTE ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Ana Luiza Santos

GERÊNCIA DE GESTÃO DE CONHECIMENTO

Aline Martins da Silva

GERÊNCIA DE COOPERAÇÃO SUL-SUL

Ruth Pucheta

Esther Martins

GERÊNCIA DE M&A E COMUNICAÇÃO

Diovanne Filho

ASSESSOR DE MONITORAMENTO E AVALIAÇÃO

Adalto Rafael

AUTORIA DOS TEXTOS

Andréa Simone

Bernardo F. Lucas Filho

Egnaldo Gomes Xavier

Emília Chaves Mazzei

Gilmara Farias

Francisco Jomário Pereira

Priscila Alves de Holanda

Samantha Pollyana Messiadés Pimentel

Sarah Luiza de Souza Moreira

Inês Mapurunga

REVISÃO E ORGANIZAÇÃO DOS TEXTOS

Aline Martins da Silva

Adalto Rafael

Fabiana Dumont Viterbo

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Estúdio 513 | Sonia Bastos

ORIENTAÇÃO, EDIÇÃO E REVISÃO FINAL DOS TEXTOS

Marta Rocha de Araujo*

Fábio dos Santos Santiago*

*Responsáveis também pela capacitação na metodologia de sistematização de boas práticas durante as duas oficinas realizadas pelo Programa Semear Internacional.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F981r

Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA).

Riquezas do semiárido : histórias de sucesso impulsionadas pelas ações do FIDA no Nordeste Brasileiro – [Salvador] : Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), 2019.

164 p. : il. color.

A obra reúne 11 boas práticas escritas por técnicos e técnicas dos projetos FIDA no Brasil que foram capacitados na metodologia de sistematização de experiências pelo Programa Semear Internacional.

ISBN 978-92-9072-918-1

Agricultura. 2. Agricultura familiar. 3. Desenvolvimento social e econômico. I. Título.

CDU 338.43

Riquezas do Semiárido

*HISTÓRIAS DE SUCESSO IMPULSIONADAS
PELAS AÇÕES DO FIDA NO NORDESTE BRASILEIRO*

Sumário

Prefácio | 6

Introdução | 8

Apresentação | 10

Investimento produtivo + assistência técnica + protagonismo social = sucesso | 14

PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO | PIAUÍ | ANDRÉA SIMONE

Feijão, farinha, cabra e caju | 28

PROJETO PAULO FREIRE | CEARÁ | BERNARDO F. LUCAS FILHO

Costurando sonhos, bordando realidades | 42

PROJETO DOM TÁVORA | SERGIPE | EDINILSON BARBOSA

Do saco amarrado ao código de barras | 60

PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO | CAR/BAHIA | EGNALDO GOMES XAVIER

Jovens comunicadores: permanência no campo e democratização das mídias | 76

PROJETO PRÓ-SEMIÁRIDO | BAHIA | EMÍLIA CHAVES MAZZEI

Integração sementes e liberdade | 92

PROJETO DOM TÁVORA | SERGIPE | GILMARA FARIAS

“Essa ovelha é minha!” | 102

PROJETO PROCASE | PARAÍBA | FRANCISCO JOMÁRIO PEREIRA

Divisão justa de trabalho e geração de renda | 116

PROJETO PAULO FREIRE | CEARÁ | PRISCILA ALVES DE HOLANDA

Lucros ao invés de dívidas | 130

PROJETO PROCASE | PARAÍBA | SAMANTHA POLLYANA MESSIADES PIMENTEL

Amor Jardim em busca de autonomia social e econômica | 144

PROJETO VIVA O SEMIÁRIDO | PIAUÍ | SARAH LUIZA DE SOUZA MOREIRA

De pingo d’água também se vive | 156

PROJETO SÃO JOSÉ III/BANCO MUNDIAL | CEARÁ | INÊS MAPURUNGA

Prefácio

ATUAÇÃO DO FIDA NO BRASIL JUNTO COM O PROGRAMA SEMEAR INTERNACIONAL

O Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), uma agência de investimentos das Nações Unidas (ONU), que em parceria com governos estaduais do Nordeste e com o Governo Federal, possui uma carteira de projetos de desenvolvimento rural que hoje conta com um quadro de seis projetos de financiamento em execução, que focam no desenvolvimento de projetos produtivos de geração de renda agropecuária, cooperativismo, associativismo e acesso a mercados.

Com uma meta de aumentar a renda, promover a segurança alimentar e diminuir a pobreza do público beneficiário em vários estados da região Nordeste, o FIDA incentiva ações direcionadas, que tem como prioridade o envolvimento de mulheres, jovens e comunidades tradicionais.

Paralelo a este trabalho, o FIDA ainda busca realizar ações que vão além do desenvolvimento produtivo nas comunidades atendidas, estimulando o acesso à informação através de ações direcionadas e focadas no conhecimento, visando facilitar o acesso a saberes, inovações e boas práticas contextualizadas para a convivência com o Semiárido.

Assim foi criado o Programa Semear, que por seis anos atuou junto aos projetos apoiados pelo FIDA na promoção do desenvolvimento sustentável e equitativo da região.

Com o sucesso do Programa Semear, uma segunda fase deste projeto foi implementada, nascendo assim o Semear Internacional, com foco no Monitoramento & Avaliação, Comunicação, Gestão do Conhecimento e Cooperação Sul-Sul, apoiando sua gestão no Instituto Interamericano de Cooperação para a Agricultura (IICA). Em sua atuação, o Programa vem contribuindo de forma expressiva para a sistematização e disseminação das boas práticas dos projetos do FIDA no âmbito nacional e internacional. Por meio de intercâmbios com técnicos e beneficiários dos Projetos, formação técnica para gestores públicos, articulações institucionais, promoção do trabalho em gênero, apoiando a coleta de dados socioeconômicos e sistematizando resultados, publicações de livros, boas práticas e matérias em formatos impresso e digital, o Semear Internacional contribui potencializando e visibilizando a difusão do conhecimento e das boas práticas dos seis projetos do FIDA.

Acesse o site do Semear Internacional e conheça mais sobre nosso trabalho e publicações. A versão digital desta publicação está disponível no site. <http://portalsemear.org.br/>

Introdução



O FIDA NO BRASIL

Atualmente, o FIDA é parceiro estratégico na realização de cinco projetos dos seguintes governos dos estados, por meio de acordos bilaterais: Paraíba (Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú - Procase), Bahia (Projeto Pró-Semiárido), Sergipe (Projeto Dom Távora), Piauí (Projeto Viva o Semiárido), Ceará (Projeto Paulo Freire); além do Projeto Dom Hélder Câmara (PDHC) com o governo federal, executado pela Secretaria de Agricultura Familiar e Cooperativismo (SAFC) do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), com abrangência em onze Estados (Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Alagoas, Bahia, Piauí, Paraíba, Sergipe, Maranhão e norte de Minas Gerais e Espírito Santo).



Unidade Federativa	Ceará
Financiamento FIDA (em milhões de US\$)	32,2
Governamental (em milhões de US\$)	39,82
Famílias Beneficiadas	60 mil



Unidade Federativa	Piauí
Financiamento FIDA (em milhões de US\$)	20
Governamental (em milhões de US\$)	12,7
Famílias Beneficiadas	22 mil



Unidade Federativa	Paraíba
Financiamento FIDA (em milhões de US\$)	25
Governamental (em milhões de US\$)	15,5
Famílias Beneficiadas	21 mil



Unidade Federativa	Sergipe
Financiamento FIDA (em milhões de US\$)	16
Governamental (em milhões de US\$)	12,6
Famílias Beneficiadas	12 mil



Unidade Federativa	DF
Financiamento FIDA (em milhões de US\$)	3
Governamental (em milhões de US\$)	82
Famílias Beneficiadas	74 mil



Unidade Federativa	Bahia
Financiamento FIDA (em milhões de US\$)	45
Governamental (em milhões de US\$)	50
Famílias Beneficiadas	70 mil

Apresentação

A CAPITALIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS PARA MAIOR IMPACTO NO DESENVOLVIMENTO RURAL

Espera-se que as experiências sistematizadas neste livro possam ser difundidas como práticas de sucesso no Brasil e em países vizinhos com interesse em conhecer as experiências exitosas dos projetos. Para tanto, o FIDA, por meio do Programa Semear Internacional e o IICA, realizaram duas oficinas presenciais, com ênfase no registro escrito das experiências e as medidas para adoção e institucionalização de boas práticas.

A primeira oficina para Capitalização de Experiências de projetos financiados pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), foi realizada nos dias 11 a 14 de setembro de 2018 em Fortaleza - CE onde se deu início a formação de técnicos e técnicas dos projetos na arte de sistematizar e escrever uma boa prática rural. A segunda oficina foi realizada na cidade de Salvador - BA, nos dias 23 a 26 de outubro de 2018, onde os participantes da oficina puderam concluir as escritas dos textos sob a orientação dos profissionais responsáveis pela condução das oficinas.

Capitalização de Experiências para Maior Impacto no Desenvolvimento Rural é uma metodologia desenvolvida pela FAO (Organização das Nações Unidas para a Agricultura) na busca por uma forma eficaz e prática de análise, registro, compartilhamento e adoção de conhecimentos, lições e boas práticas por comunidades e organizações de desenvolvimento rural.

PRIMEIRA OFICINA

FOTOS DOS TÉCNICOS E TÉCNICAS SENDO CAPACITADOS PARA ESCRITA DE BOAS PRÁTICAS EM FORTALEZA



Em 2016, o FIDA concedeu ao Centro Técnico de Cooperação Agrícola e Rural (CTA) uma subvenção para implementar, em parceria com o IICA, o Projeto de Captação de Experiências para maior Impacto em Desenvolvimento Rural, com o objetivo de promover a adoção sustentável da capitalização de experiências como uma técnica de aprendizagem e melhoria contínua das iniciativas de desenvolvimento rural em regiões onde o combate à fome e à pobreza se faz imperativo. Oficinas de capacitação foram concretizadas na África, Ásia e Oceania entre 2016 e 2018, e destacamos aqui a primeira versão na língua portuguesa, oferecida em Maputo em 2017 e com a participação de sete brasileiros.

A implantação na América Latina se concretizou após alinhamentos do FIDA com IICA a partir de 2017, onde acordou-se por fim o compromisso de articular em diversos países latinos a estruturação de atividades de formação e de práticas de aprendizagem sobre a metodologia Capitalização de Experiências. A intenção é tornar os elementos considerados positivos da metodologia uma prática comum, e institucionalizá-la no cotidiano dos organismos e instituições que atuam na área de desenvolvimento rural.

No Brasil, a primeira iniciativa foi realizada pelo Programa Semear Internacional – dada a sua filiação com o FIDA, sua extensa rede de parcerias, e sua vasta experiência na promoção da gestão do conhecimento e de processos de sistematização participativa de intervenções de desenvolvimento rural – reuniu as condições necessárias para conduzir a implementação da metodologia sobre Capitalização de Experiências no Brasil, com apoio do IICA e do FIDA, resultando na formação de vinte pessoas e na escrita de onze boas práticas ligadas ao meio rural e aos projetos FIDA no Brasil, que você, leitor, poderá conhecer a partir de agora. Boa leitura!



INTERCÂMBIO PARA SISTEMATIZAÇÃO
DE EXPERIÊNCIAS DOS PROJETOS
APOIADOS PELO FIDA NO BRASIL.

SEGUNDA OFICINA

FOTOS DOS TÉCNICOS E TÉCNICAS SENDO CAPACITADOS
PARA ESCRITA DE BOAS PRÁTICAS EM SALVADOR





Investimento produtivo + assistência técnica + protagonismo social = sucesso

*EXPERIÊNCIA TRANSFORMATIVA DAS FAMÍLIAS
PRATICANDO OVINOCAPRINOCULTURA
E AVICULTURA EM BARRA D'ALCANTARA, PIAUÍ*

por **Andréa Simone**

A Associação Porenquanto possui um histórico de lutas e conquistas pelo bem da comunidade. Ainda em andamento, um projeto de investimento já implicou em desenvolvimento econômico e social das famílias, dada a melhoria das condições de produção e o acesso a alternativas tecnológicas de convivência com o Semiárido.



PROJETO

VIVA O SEMIÁRIDO – PIAUÍ

O Projeto Viva o Semiárido (PVSA) é uma iniciativa do Governo do Estado do Piauí e o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida) para reduzir a pobreza, aumentar a produção e melhorar o padrão de vida das populações com maior nível de carência social e econômica no meio rural do Semiárido piauiense. Seu foco operacional é o incremento das atividades produtivas, visando gerar renda e o fortalecimento organizacional das famílias rurais.

Este artigo visa apresentar os resultados alcançados por uma das suas beneficiárias, a associação comunitária Porenquanto. A análise destaca o tripé para o desenvolvimento comunitário: investimento produtivo, assistência técnica e a organização social. Para tanto, partimos dos resultados obtidos nessa experiência com apoio às atividades produtivas em ovinocaprinocultura e avicultura na comunidade Porenquanto.

SOBRE DESENVOLVIMENTO COMUNITÁRIO

A associação comunitária Porenquanto está localizada a 6 km da sede do município de Barra D'Alcântara e a 271 km da capital, Teresina. Fundada em 1997, nasceu da mobilização e organização dos moradores, em busca de melhorias e desenvolvimento da comunidade.

É formada por trinta famílias de agricultores/as familiares, que desenvolvem atividades produtivas nas áreas de ovinocaprinocultura e avicultura, além da agricultura de sequeiro, com as culturas de milho, feijão, mandioca, arroz e fava. Dezenove dessas famílias são beneficiárias do PVSA.

A Porenquanto possui um histórico de lutas e conquistas pelo bem da comunidade, a exemplo da aquisição de máquinas e implementos agrícolas; construção de galpão e da sede da associação. Beneficia-se, ainda, do acesso a Ponto de Cultura, do Programa Minha Casa Minha Vida Rural, como de cursos de associativismo, ovinocaprinocultura e produção de cajuína.

Apesar dos avanços, a associação Porenquanto almeja novas aquisições e inovações em seu sistema produtivo. Assim, em 2016, a associação conhece o Projeto Viva o Semiárido. Os sócios iniciam com o PVSA o processo de discussão e elaboração do Projeto de Investimento Produtivo (PIP) de Ovinocaprinocultura e Avicultura, de forma participativa e com apoio da assessoria técnica.

Este projeto de investimento tem como objetivo promover o desenvolvimento econômico e social das famílias, por meio da aquisição de novas instalações e equipamentos, melhoria das condições de produção e acesso a alternativas tecnológicas de convivência com o Semiárido. O projeto foi aprovado pelo Conselho Gestor do PVSA em 2016 – contando com investimento total de R\$ 147.297,23 – e teve o início da implementação naquele mesmo ano.

O PIP atende diretamente as dezenove famílias, distribuídas em três grupos produtivos.

Para sua implementação, foram construídos seis apriscos e onze aviários, e implantados bancos de proteínas (sorgo, estilosante¹ e palma forrageira). Através do PIP, a associação também adquiriu diversos equipamentos: enfardadeiras, pistolas veterinárias, burdizo para castração, bebedouros, comedouros, cerca de arame, além de ração e vacinas.

Para a aquisição de todos esses itens e da criação, foram organizadas comissões de licitações de compras compostas pelos próprios beneficiários do projeto.

Quanto à aquisição de animais, selecionaram e adquiriram vinte matrizes e um reprodutor de ovinos das raças Dorper e Santa Inês. As sessenta novas matrizes e um reprodutor de caprinos são das raças Boer e Anglo Nubiana. Oito criadores foram beneficiados, pois, com exceção de dois agricultores, todos os demais já possuíam alguns animais.

Foram criados dois grupos para o investimento em avicultura.

Do grupo de galinha caipira, fazem parte quatro beneficiários/as. Cada um/a deles/as recebeu 23 matrizes de galinha caipira e aviários. No grupo de galinha caipirão, cada um/a dos sete beneficiários/as foi contemplado com 112 aves, sete aviários, ração e medicamentos. Antes do PVSA, as aves eram criadas soltas nos quintais.

O Centro Educacional de Educação Ambiental (CEEA)² apoiou todas as atividades da assistência técnica previstas e implementadas. A seleção dessa entidade se deu por meio de Chamamento Público.

Em 2017 e 2018, o CEEA promoveu diversos cursos de capacitação, teóricos e práticos, para os beneficiários/as. Para o fortalecimento da gestão da associação, proveram um curso básico de contabilidade e prestação de contas. Quanto à gestão ambiental, capacitou os/as beneficiários/as em agroecologia, manejo de água e solo, e sistema agroflorestal (SAF). Para o fortalecimento do sistema produtivo, ministrou cursos de implantação de banco de proteínas; produção de silagem e de rações; receitas alternativas. Por fim, capacitaram os produtores para manejo de pequenos animais, visando melhorar as técnicas de criação de ovinos, caprinos e aves.

¹ Leguminosa forrageira utilizada para alimentação animal.

² Organização não governamental que tem como missão “contribuir para o desenvolvimento local sustentável do Piauí, por meio de assessoria técnica, educação ambiental e articulação de políticas públicas para comunidades rurais e urbanas”.

SOBRE ASSISTÊNCIA TÉCNICA

Antes do PVSA, as atividades agropecuárias eram desenvolvidas de forma extensiva, a pastos nativos, devido ao pouco conhecimento e à ausência de tecnologias alternativas apropriadas (se aplica também à avicultura). A falta de assistência técnica, contudo, era o fator limitante ao desenvolvimento das atividades produtivas na comunidade.

Uma das maiores dificuldades enfrentadas pelas famílias, além da perda de animais, era manter o rebanho produzindo durante o ano todo, devido à falta de alimento no período crítico de estiagem durante seis meses do ano. Os animais eram criados soltos e comercializados na própria comunidade ou sede do município, a R\$ 15,00 o quilo.

A assistência técnica implementou uma tabela de acompanhamento da evolução de animais, onde foi possível verificar que o índice de mortalidade das matrizes adquiridas foi de 5%. A mortalidade de recém-nascidos foi de 2,5%, ambas consideradas baixas. O índice de nascimento foi de 46,25%; prenhez, 32,5%. As crias serão vendidas com oito a nove meses de idade, em meados de 2019, apresentando resultados significativamente positivos em relação ao passado.

E as galinhas?

O grupo de aves caipira já dobrou a produção com o nascimento de pintos, entretanto, são necessários cerca de seis meses para comercializar essas aves. Enquanto isso, as famílias já vendem de ovos, além ter aumentado o próprio consumo.

Já o grupo de aves caipirão apresenta um período de noventa dias para a comercialização. No 1º lote, houve mortalidade de 26%³, consumo de cerca de 10% da produção e 50% de venda, em média. Quatro beneficiários já venderam quase toda a produção. Vão vendendo aves e logo comprando novas. A maioria das vendas foi realizada a comércio na sede do município; porém alguns já estão comercializando para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA).

Na atividade de avicultura, dos onze beneficiários/as do projeto, oito são mulheres, que trabalham em seus quintais produtivos gerando renda e consumo familiar.

Para verificar o impacto do projeto na vida dos beneficiários, foram utilizados dois critérios: (a) a renda, tendo como indicador o seu incremento; e (b) a gestão de conhecimento. Aqui, o foco foi na adoção de novas práticas adotadas pelos beneficiários a partir da assistência técnica.

³ O resultado inesperado dessa experiência foi a incidência da coriza infecciosa em três aviários de caipirão, devido a erros de manejo. Ocorreram ainda abortos de caprinos, ocasionados pela alta taxa de verminose aliado a um déficit alimentar – principalmente para as cabras prenhes, que necessitam de uma alimentação mais rica em nutrientes. Essa situação foi prontamente superada com a orientação de um médico-veterinário.





SOBRE RETORNO DO INVESTIMENTO PRODUTIVO

Ovinocaprinocultura: Antes do PVSA, a renda média anual familiar com a venda de caprinos era em torno de R\$ 3.000,00. Vendem em torno de quinze animais por ano, ao preço médio de R\$ 200,00 por cabeça (peso médio de 13 kg/cabeça, ao preço de R\$ 15,00/kg).

Seguido um cálculo estimativo de reprodução e perdas, com o PVSA, eles podem passar a vender 22 animais por ano.

Aves do tipo Caipira: Com a venda de ovos, os produtores de aves caipiras já conseguem obter uma renda de R\$ 150,00/mês (300 ovos, a R\$ 0,50).

Além disso, cada família consome por mês, aproximadamente, quatro galinhas e também vende em média quatro aves, a R\$ 25,00 cada uma.

Aves tipo Caipirão: Entretanto, o grupo de aves caipirão inicia as atividades com custo em torno de 70% da produção, considerando um galpão com 100 pintos. Segue o cálculo:

Tabela 1: Despesa

PRODUTO	UNIDADE	QUANTIDADE	VALOR UNITÁRIO	VALOR TOTAL
Ração de crescimento	Saco (40kg)	15	59,00	885,00
Pintos	Unidade	100	2,40	240,00
Medicamentos	Unidade	1	100,00	100,00
TOTAL				1.225,00

Tabela 2: Receita Bruta

PRODUTO	QUANTIDADE	UNIDADE	PREÇO R\$	VALOR
Frango	200	Kg	8,75	1.750

100 frangos × 2 kg = 200 kg

Receita Líquida = R\$ 525,00 por lote. Retirada de três a quatro lotes por ano, com base em um ciclo de noventa dias para comercialização.

Comparando-se com a renda mensal inicial de R\$ 250,00, haverá aumento de renda de R\$ 175,00 por mês.

Com os investimentos realizados com criação de animais para a avicultura, houve incremento de renda das famílias beneficiárias com a venda de aves e ovos.

“Com isso, consigo pagar minha conta de energia elétrica e o gás de cozinha. Me custava R\$ 70,00 de luz e R\$ 60,00 de gás”

COMEMORA O BENEFICIÁRIO FRANCISCO MARDÔNIO

SUORTE FORRAGEIRO
PALMA FORRAGEIRA
SORGO E ESTILOSANTE

SOBRE PROTAGONISMO SOCIAL (GESTÃO DE CONHECIMENTO)

O alcance desses resultados só foi possível graças à organização e ao compromisso da comunidade com o projeto, além da assistência técnica. Para os/as beneficiários/as, uma das principais mudanças alcançada foi o conhecimento técnico adquirido com a vinda do Projeto Viva o Semiárido.

Vale a pena salientar que algumas famílias já utilizava uma produção de silagem para alimentar os animais entre os meses de julho a dezembro, época da seca.

Com as capacitações – apesar da pouca escolaridade de alguns beneficiários – houve melhorias nas práticas de manejo dos animais, o que refletiu em aumento da produção e produtividade. A implantação do banco de proteínas e produção de silagem acarretou na redução da compra de insumos fora da propriedade.

Mas talvez a mais revolucionária mudança implementada pela assistência técnica tenha sido a adoção do registro de dados de acompanhamento da evolução do rebanho.

O depoimento do beneficiário Luís Honório, da localidade Porenquanto, em Barra D'Alcântara, Piauí, ilustra como o acesso ao conhecimento pelos/as agricultores/as familiares pode ser considerado um grande diferencial do PVSA. O depoimento foi enviado por WhatsApp.

O investimento produtivo atrelado à postura da assessoria técnica no acompanhamento das famílias beneficiárias e ao protagonismo da comunidade foi determinante para o bom desempenho do projeto. Todavia, o protagonismo é da comunidade, ela é o sujeito da ação, e isso constitui a terceira condição fundamental para a sustentabilidade dos projetos.



“O Projeto Viva o Semiárido foi uma porta que se abre na vida da minha família. Através dos cursos que participamos, ganhamos conhecimentos como trabalho no manejo sanitários do rebanho, o associativo cooperativo, a agroecologia alternativa. Através destes conhecimentos de como empreender, resolvi apostar na caprinocultura, na avicultura e na piscicultura – e está dando certo! Cresceu a renda da família. Antes não dava certo, por que nós trabalhávamos de forma errada, não tinha conhecimentos. Então era difícil pra sobreviver da agricultura. Mas agora, como empreendedor, com os conhecimentos que ganhei, mudança total, graças o projeto e os profissionais que ajudaram a mudar pra melhor. Só tenho a agradecer por ter sido uma das famílias a ser beneficiadas com este lindo projeto. Que Deus abençoe todos nós.”

SOBRE SUCESSO E O FUTURO

Com a implantação do projeto de ovinocaprinocultura e avicultura na associação Porenquanto, as famílias já estão colhendo os frutos do Projeto Viva o Semiárido. Estão melhorando o consumo de alimentos e comercializando aves e ovos.

Também houve redução de custos com o rebanho no período de estiagem, desde que implantaram o banco de proteínas. Avançou a qualidade e o manejo do rebanho, e esse conjunto de mudanças alavancou tanto a produção quanto a produtividade e, conseqüentemente, uma melhoria na renda e do autoconsumo das famílias.

A experiência sistematizada neste artigo traz três componentes importantes para o desenvolvimento comunitário: o investimento produtivo, a assistência técnica e a organização/conhecimento, que levam ao protagonismo dos beneficiários.

Tendo em vista os resultados alcançados nesse projeto, acreditamos que a experiência pode ser replicada desde que esses três componentes ocorram simultaneamente.

Uma dificuldade encontrada no processo de sistematização foi a ausência de um caderno de campo com registro econômico das atividades produtivas desenvolvidas pelos agricultores familiares.

Dessa forma, recomenda-se que a assistência técnica desenvolva, junto aos/as agricultores/as familiares, mecanismos de contabilização dos resultados econômicos pelos/as próprios/as beneficiários/as dos projetos Fida, para adquirir melhor compreensão da composição da renda da família. Também para fins de monitoramento e avaliação de impactos dos projetos Fida, numa perspectiva de continuidade das ações.

PROJETO
viva o
SEMIÁRIDO



PIAUI
BARRA D'ALCANTARA



PRODUTORA EXIBE COM ORGULHO OS OVOS
FRUTOS DA PRODUÇÃO DE AVICULTURA NA
ASSOCIAÇÃO PORENQUANTO

ESSA EXPERIÊNCIA FOI CONTADA E ESCRITA POR:

ANDRÉA SIMONE DOS S. SOUSA

ECONOMISTA

CONSULTORA EM M&A – IICA/PVSA

ANDREASIMONE13@YAHOO.COM.BR



Feijão, farinha, cabra e caju

*GERAÇÃO DE RENDA E QUALIDADE DE
VIDA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA
DE SERRA DOS PAULOS NA REGIÃO DOS
INHAMUNS, NO SEMIÁRIDO DO CEARÁ*

por Bernardo F. Lucas Filho

Com conhecimento adquirido através das diversas oficinas sobre manejo de mandioca, caju e comercialização, foi possível aos moradores do distrito de Monte Sion investir nas terras, aumentar o rebanho, plantar e colher tanto para própria subsistência como para a comercialização.



PROJETO
PAULO FREIRE

PROJETO

PAULO FREIRE – CEARÁ

Este artigo tem como objetivo analisar a história de êxito da Associação dos Pequenos Produtores de Serra dos Paulos, uma comunidade quilombola no município de Parambu, no estado do Ceará. A Comunidade Quilombola de Serra dos Paulos começa a receber acompanhamento de assistência técnica continuada (ATC) em 2015.

O conjunto de ações chega por intermédio do Projeto Paulo Freire no âmbito da Secretaria do Desenvolvimento Agrário (SDA) do Governo do Estado do Ceará, com apoios do Fundo Internacional para Desenvolvimento Agrícola (Fida) e do Instituto Interamericano de Cooperação Agrícola (IICA).

A ATC tem por finalidade revitalizar a cultura da mandioca e ampliar a área de cajueiro-anão precoce, contribuindo para elevar a renda das famílias e garantir a segurança alimentar da comunidade.

O povo quilombola é pertencente à área de grande vulnerabilidade social, apesar da sua luta pela terra, que culminou com o reconhecimento do governo local e estadual. O projeto chega no momento em que a comunidade vive de forma desorganizada e descolada do associativismo construído por seus antepassados.

A vinda do PPF elevou a renda das 36 famílias pertencentes à associação, composta de homens, mulheres e jovens – esses dois últimos públicos prioritários do projeto, como os povos de comunidades tradicionais. Faremos um recorte a partir da família da senhora Zilma Pereira Mota, 44 anos, e do senhor João Gualberto de Sousa, 65, casados.



QUILOMBO PRODUTIVO

A comunidade tem sua importância por representar um quilombo no meio do Semiárido cearense e reconhecer sua raça. Serra dos Paulos fica no município de Parambu; de clima semiárido, a região vive praticamente da agricultura de sequeiro e subsistência. O município de Parambu, mais especificamente na região serrana, tem como importante fonte de renda o cultivo da mandioca, sendo essa produção absorvida pela própria região.

Na comunidade quilombola vivem 43 famílias, das quais 37 foram contempladas pelo projeto. Destas, três famílias cultivam mandioca, uma cultiva o caju-anão e 33 praticam ambos os cultivos. Consideram o cultivo da mandioca sua principal fonte de renda, pois, com o manejo da mandioca, é possível ampliar a terra para cultura de caju e seu beneficiamento. Os quilombolas cultivam mandioca desde seus antepassados, combinando o conhecimento da cultura e das condições de solos.

Para aumentar a geração de renda, a comunidade foi contemplada com uma casa de farinha pelo Projeto São José; os produtos – farinha e goma – são comercializados na região e na própria comunidade. Porém, também essa cultura sofreu muito com a seca que vem ocorrendo nos últimos anos.

A produção de caju também faz parte do cultivo da agricultura familiar da Serra dos Paulos. Essa cultura encontra na região serrana solos arenosos adequados para o desenvolvimento da espécie com boa produção de frutos. As primeiras

mudas foram adquiridas pelos próprios produtores, a partir da reorganização da associação dos moradores.

Obtendo resultados significativos, foi possível complementar os ganhos financeiros das famílias que possuem pomares. A geração de renda se dá pela venda da castanha no mercado local e para compradores da região. Contudo, muito apreciado pela população, parte da colheita acaba consumida *in natura* e em forma de doces pelos moradores. Rica em vitamina C, a fruta complementa a alimentação da comunidade.

Os pomares de caju precisam ser revitalizados, pois possuem falhas de plantas nas áreas de plantio, ocasionadas pela morte dessas devido às condições adversas enfrentadas nos últimos anos pela região. Daí a importância de adotar critérios técnicos no manejo.

Em 2016 o Projeto Paulo Freire, por intermédio da Caritas Crateús¹, leva à comunidade de Serra dos Paulos e à associação o acompanhamento necessário para o manejo da mandioca e do caju, como para as atividades agrícolas de sequeiro e subsistência. Sempre atuando com trocas de saberes, em respeito ao saber local.

¹ Entidade de assessoria técnica.



SERRA DOS PAULOS

QUILOMBO ORGANIZADO

A associação dos Pequenos Produtores de Serra dos Paulos (Apespa) foi fundada em 1993 com intuito de organização. Necessitando proporcionar melhores condições de vida para suas famílias, buscaram ações governamentais que beneficiassem sua comunidade.

A associação apresenta certa organização, porém precisa avançar quanto à importância do associativismo e, além disso, necessita de orientação técnica na produção de mandioca e caju para que possa alcançar maior produtividade.

Dona Zilma Pereira Mota² foi a mobilizadora para que a associação retomasse sua organização e recebesse o projeto no ano de 2015. A partir dela, as agricultoras e agricultores da comunidade se reuniram e refundaram a associação, ação necessária para o recebimento da assessoria técnica.

A ATC trouxe conhecimento sobre o plantio e o manejo das frutíferas e da mandioca.

Junto com o marido e os filhos, dona Zilma cultiva caju-anão precoce em dois hectares, dois hectares de feijão e um hectare de caju grande (bravo). A área de mandioca varia entre seis e oito tarefas de plantio.

Dona Zilma e os moradores do quilombo passaram a beneficiar a mandioca de diversas formas para consumo e para vender na comunidade. No caso, faz sorvete de mandioca, doce, bolo e pastel usando da criatividade para ampliar a culinária.

² Dona Maria Mota, como é conhecida na comunidade, é uma importante liderança entre os quilombolas. Foi ela quem reorganizou a associação para chegada do PPF no Distrito de Monte Sion.



CONQUISTAS

Dentre as conquistas mais importantes alcançadas pela associação ao longo de sua existência, podemos citar: o trabalho solidário, a organização e união das famílias, e a fixação do homem e da mulher no campo – com a permanência do núcleo familiar.

O projeto de revitalização da mandioca e caju é de grande importância para esta comunidade, pois vem impactando de forma significativa na renda das famílias, além de gerar renda com produção agroecológica e contribuir para segurança alimentar.

O acompanhamento e os recursos garantidos para iniciar os primeiros passos do projeto deram fôlego à comunidade para acreditar que é possível conviver e permanecer no Semiárido. As famílias foram orientadas a plantar, criar animais, colher e comercializar para gerar renda e, com isso, proporcionar maior qualidade de vida aos jovens e mulheres da comunidade.

Com conhecimento adquirido através das diversas oficinas sobre manejo de mandioca, caju e comercialização, foi possível aos moradores do distrito de Monte Sion investir nas terras, aumentar o rebanho, plantar e colher tanto para própria subsistência como para a comercialização. O incremento e a troca de conhecimentos proporcionam aos quilombolas maior produção e diversidade nos negócios da sua comunidade.

É nesse cenário que pretendo analisar a ampliação e geração de renda da família de seu João Gualberto e sua esposa. Seu exemplo é ilustrativo dentre os associados.





BÊNÇÃO

Antes do projeto, a família de João Gualberto de Sousa plantava e criava animais só para consumo próprio. Eles possuíam três cabeças de ovino, dezenove cabeças de caprino, quatro cabeças de suíno, 35 cabeças de ave. A área de treze hectares de terra para produzir sequeiro (milho, feijão, mandioca e caju) é de propriedade da família. Agricultor experimentador, diversifica sua produção. Hoje, planta e cria animais para consumo e comercialização

Seu João Gualberto faz parte da associação local. Para ampliar a renda da família, foi importante o acompanhamento de ATC (Caritas Diocesana Crateús) tanto na produção como na comercialização.

A família de seu João recebeu em 2016 da Agência de Desenvolvimento Agrícola (Adagri) – 8 kg de milho e 8 kg de feijão de sementes crioulas para plantio. Foi também contemplada com 204 mudas de caju-anão pelo Plano de Investimento (PI) da comunidade. Além disso, o Programa Hora de Plantar obteve 5 m³ de sementes de mandioca (maniva) para o plantio de um hectare.

Tudo isso em parceria com o Projeto Paulo Freire.

Ao longo daquele ano, seu João Gualberto recebeu orientação e acompanhamento técnico para, junto com seus conhecimentos, colocar plantio em suas terras.

“Eu acredito que com nós reunidos, vem mais coisa pra cá. Porque nós sabemos que a primeira vez, umas, duas, três vezes, é devagar. Quando passa da quinta pra adiante, a gente fica mais confiável, e aí a benção vem.” SEU JOÃO GUALBERTO

Dos recursos diretamente oriundos da produção e comercialização agropecuária da unidade familiar, seu João Gualberto pôde comprar 25 tarefas de terra no valor de R\$ 5.000,00, além de reformar a cozinha da família por R\$ 4.500,00 (quatro mil e quinhentos). Com recursos da venda de dois terrenos, recursos da aposentadoria do seu João, dentre outros, foram construídos dois reservatórios de água de uso de 1ª e 2ª água no valor de R\$ 4.500,00 (quatro mil e quinhentos). Cada um dos reservatórios tem capacidade de 35 mil litros.

Entre 2016 e 2018, puderam comprar mais calhas para as cisternas, no valor de R\$ 600,00, incluindo a mão de obra e a confecção. Adquiriram ainda 280 m de mangueira e três bolas de arame, de 500 m cada, com o intuito de encanar água para o piquete de pastagem dos caprinos.

No ano de 2018 chega à Associação um investimento de R\$ 368.298,50. Desse valor, a unidade familiar de seu João Gualberto e esposa foi contemplada com 32 cabeças de caprinos. Ao final de 2018, contam 23 cabeças – devido à mortalidade no decorrer do período. Resulta, contanto ainda em acréscimo da produção agropecuária, que vem garantindo a soberania alimentar da família.

Baseados nesses dados, poderemos constatar o aumento na geração de renda do casal e de seus filhos, incremento trazido pelo PPF. O mesmo se deu com outros membros da comunidade quilombola em que estão inseridos.

PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA		
31,5 SACOS (60 KG) DE FEIJÃO	300 KG DE FARINHA	250 KG DE GOMA
↓		
VENDA DE EXCEDENTE		
FEIJÃO: 16 SACAS A R\$ 100,00 CADA	FARINHA: 250 KG A R\$ 4,00 KG	GOMA: 250 KG A R\$ 4,00 KG
↓		
TOTAL		
FEIJÃO: R\$ 1.600,00	FARINHA: R\$ 1.000,00	GOMA: R\$ 1.000,00

RESULTADOS DE 2017 DO ACOMPANHAMENTO TÉCNICO FEITO PELA CARITAS CRATEÚS ATRAVÉS DO PPF À FAMÍLIA DE JOÃO GUALBERTO DE SOUSA

PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA			
28,5 SACOS (60 KG) DE FEIJÃO	300 KG DE FARINHA	250 KG DE GOMA	23 CAPRINOS
↓			
VENDA DE EXCEDENTE			
FEIJÃO: 22 SACAS A R\$ 100,00 CADA	FARINHA: 250 KG A R\$ 4,00 KG	GOMA: 250 KG A R\$ 4,00 KG	CAPRINOS: 7 A R\$ 100,00 CADA
↓			
TOTAL			
FEIJÃO: R\$ 2.200,00	FARINHA: R\$ 1.000,00	GOMA: R\$ 1.000,00	CAPRINOS: R\$ 700,00

RESULTADO DA COMERCIALIZAÇÃO DE EXCEDENTES DA FAMÍLIA DE JOÃO GUALBERTO DE SOUSA NO ANO DE 2018.

CAPACITAR É PRECISO

Observando o acompanhamento da comunidade quilombola e da família do senhor João e dona Zilma – descritos neste artigo – é possível concluir que a convivência com o Semiárido é possível, encontradas algumas condições. Destas, são cruciais o planejamento, a troca de saberes entre as comunidades locais e as entidades de assistência técnica. Respaldados por parcerias entre o governo e entidades financiadoras, podem transformar a vida no Semiárido cearense.

Proporcionar à agricultura familiar ferramentas de formação e conhecimento de como produzir mais para ampliar sua renda – essa é a tarefa do Projeto Paulo Freire no Ceará.

Orientamos, portanto, para o quanto é importante a assessoria técnica continuada nas associações e organizações comunitárias da agricultura familiar, como foi o caso específico da Associação dos Pequenos Produtores de Serra dos Paulos, da região dos Inhamuns.

A assistência técnica às lideranças comunitárias teve um impacto extremamente positivo na administração dos recursos públicos investidos.

Além disso, a participação nas oficinas realizadas pelo projeto acarretou melhor qualidade na vida dos moradores da comunidade quilombola de Monte Sion em Parambu. Aprenderam a combinar saberes tradicionais às práticas modernas, o que trouxe esperança e alegria de uma vida renovada no campo.

Aplicaram com o afincado de quem sabe ser dono da terra em que (e da qual) vivem.



ESSA EXPERIÊNCIA FOI CONTADA E ESCRITA POR:

BERNARDO FERREIRA LUCAS FILHO

JORNALISTA 2912/JP-CE

Técnico do Projeto Paulo Freire – Secretaria
do Desenvolvimento Agrário (SDA)

bernardolucas1@gmail.com | bernardo.filho@sda.ce.gov.br



À ESQUERDA, JILVANDA CORREIA DE ANDRADE, À DIREITA JOSEFA ANDRADE DE JESUS, COMERCIALIZANDO EM FEIRAS

Costurando sonhos, bordando realidades

*MULHERES DO BAIXO SÃO
FRANCISCO SUPERAM A POBREZA
PRODUZINDO ARTESANATO*

por Ednilson Barbosa

É de Tobias Barreto, município do Centro Sul sergipano, que vem um dos mais bonitos bordados do estado, o richelieu. Grande parte do bordado desse município nasce das mãos talentosas das mulheres do povoado Nova Brasília.



PROJETO

DOM TÁVORA – SERGIPE

O Projeto Dom Távora é executado pela Secretaria de Estado da Agricultura Desenvolvimento Agrário e da Pesca – SEAGRI, no Estado de Sergipe, e dispõe de uma unidade técnica específica para análise das propostas originadas das comunidades.

O Projeto atende a 15 municípios do estado localizados nos seguintes territórios: Centro Sul – Tobias Barreto, Poço Verde e Simão Dias; Território Agreste Central e Médio Sertão – Pinhão, Nossa Senhora Aparecida, Carira, Graccho Cardoso e Aquidabã; Território do Baixo São Francisco – Japoatã, Santana do São Francisco, Ilha das Flores, Pacatuba, Brejo Grande, Neópolis e Canhoba.

Capacita agricultores familiares e assentados para gerir seus empreendimentos individuais e associativos, e contribuir para a criação e o fortalecimento das organizações de produção, da transformação e da comercialização, para agregar valor aos seus produtos e serviços

“O sucesso do nosso trabalho está relacionado ao modo do fazer, na qualidade do material que utilizamos e também no amor que a artesã dedica, pois cada peça é única.”

JOSIVANIA MENEZES, EX-PRESIDENTE



PARTE DOS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO DAS BORDADEIRAS

ASSOCIAÇÃO DE BORDADEIRAS E MORADORES DO POVOADO NOVA BRASÍLIA E A TRADIÇÃO DA RENDA RICHELIEU

Composto majoritariamente por mulheres que têm no bordado a sua principal fonte de renda, o grupo é organizado pela Associação de Bordadeiras e Moradores do Povoado Nova Brasília.

São diferenciais desse grupo a qualidade e a singularidade das peças, cuja produção é feita de forma coletiva e colaborativa – cada peça passa pelas mãos de várias artesãs até chegar ao produto final. Outro diferencial importante é a participação de homens e mulheres jovens, exemplo de sucessão de trabalho e cultura para jovens do semiárido.

“São vários processos: o corte do tecido e o desenho, aí vem outra pessoa que vai fazer o bordado cheio, aí a outra vai abrir o richelieu e outra vai fazer o bordado com brilho industrial, e por último vem a costura e o acabamento. Uma pessoa só levaria dois dias e meio para fazer uma peça detalhada.” (artesã Gilvanda Correia de Andrade Silva)

PRIMEIROS PASSOS: DESENHAR NO TECIDO E, DEPOIS, FAZER O BORDADO CHEIO EM TORNO DO DESENHO.



PASSO SEGUINTE: É A VEZ DE BORDAR O RICHELIEU, DEPOIS CORTAMOS AS SOBRAS DO TECIDO NO LADO AVESSO. PASSAR O PONTO BRILHO, PARA DAR MAIS BELEZA AO BORDADO É OPCIONAL ASSIM COMO O PONTO CHEIO, PORÉM A MAIORIA DAS ENCOMENDAS TEM.



SEGUINDO: COSTURA COM MATERIAL ESPECIAL, USANDO BASTIDORES POR CIMA E POR BAIXO DO TECIDO PARA DEIXÁ-LO BEM ESTICADO. NESTA FOTO, A BORDADEIRA ESTÁ FAZENDO O ACABAMENTO DA BAINHA DE UMA BOLSA BORDADA COM PONTO DE CRUZ E RICHELIEU



RENDA RICHELIEU FINALIZADA: SE FOR UMA PEÇA QUE NÃO NECESSITE DE COSTURA, COMO UMA PASSADEIRA (TRILHO DE MESA), ELA PRIMEIRO É LAVADA, ENGOMADA E PASSADA, SÓ DEPOIS SÃO FEITOS OS CORTES DAS SOBRAS DE TECIDO. EM SEGUIDA, A PEÇA É EMBALADA E ESTÁ PRONTA PARA VENDA.

“Quando se fala do artesanato richelieu as pessoas lembram logo do município de Tobias Barreto, pois como referência de qualidade nesta técnica.”

JOSIVANIA MENEZES, EX-PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO

A tradição desse tipo de bordado é sustentada pelas tobienses há mais de meio século. Por volta dos anos de 1950, iniciavam-se os trabalhos do bordado richelieu no povoado Nova Brasília, trazido pelas senhoras Iracema Geralda dos Santos, Maria Ferreira e Normiza Andrade de Jesus, que repassaram a técnica do bordado para um grupo de interesse de caráter informal constituído por mulheres da comunidade.

A partir de 2006, as artesãs passaram a se organizar na Associação de Bordadeiras, com apenas nove pessoas associadas que participavam e pagavam uma pequena mensalidade para manter o trabalho. Desde então a Associação tomou novos rumos, formando esse grupo que hoje conta com mais de 130 pessoas associadas, entre mulheres e homens, e cresce a cada dia.



PERFIL SOCIOECONÔMICO DO GRUPO DAS ARTESÃS

- Média de idade: entre 21 a 60 anos.
- Apresentam 81% de mulheres e 19% de homens associadas e associados.
- A maioria das pessoas associadas são beneficiárias do Programa Bolsa Família e do Programa Nacional de Habitação Rural (PNHR)
- 70% das mulheres são casadas ou convivem com companheiros
- Aproximadamente 80% das mulheres casadas e tem dois ou três filhos
- Os homens, em sua maioria, são casados.
- 60% do grupo têm ensino fundamental incompleto, 20% ensino fundamental completo e 20% o ensino médio completo.
- Algumas pessoas do grupo são analfabetas, sendo seis mulheres e onze homens.
- A maioria das artesãs têm rendimento mensal médio de até meio salário mínimo vindo do trabalho com a renda e com a costura, que complementa a renda familiar, e os maridos trabalham na agricultura familiar.

REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO DE BORDADEIRAS E MORADORES DO POVOADO NOVA BRASÍLIA

DE “PONTO A PONTO” VAMOS CONHECER A HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO DE BORDADEIRAS E MORADORES DO POVOADO NOVA BRASÍLIA

A história é de muita busca. Mesmo antes da chegada do projeto Dom Távora (PDT) em Sergipe, as mulheres já buscavam diversos outros apoios e parcerias com:

Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE): conseguiram realizar vários cursos na área dos bordados;

Empresa de Desenvolvimento Sustentável do Estado de Sergipe (PRONESE), por meio do Projeto de Combate à Pobreza (PROSPERAR): conquistaram a construção da sede da associação, máquinas de costura e suprimentos como linha, agulhas e bastidores;

Banco do Brasil e Banco do Nordeste: acessaram o financiamento do Pronaf B para compra de mais algumas máquinas e matéria-prima;

Empresa de Desenvolvimento Agropecuário (Emdagro): desde o início do grupo é parceiro, com orientações técnicas;

Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Tobias Barreto: tornou possível a ligação da associação com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) oferecendo cursos de inclusão digital – para os jovens –, empreendedorismo rural, doces e salgados, horticultura e ovinocultura, e gestão participativa.

Prefeitura do município de Tobias Barreto: disponibilizou estande em feiras de artesanato no próprio município e em outros – vizinhos –, custeando o deslocamento;

NORMIZA ANDRADE DE JESUS, 67 ANOS, SÓCIA NÚMERO 01, FUNDADORA DA ASSOCIAÇÃO



O PRECIOSO APOIO DO PROJETO DOM TÁVORA

Mesmo com tantos apoios, a Associação de Bordadeiras e Moradores do Povoado Nova Brasília tinha poucas máquinas para um grupo grande de mulheres.

“Em uma casa tínhamos duas ou três artesãs para uma máquina”, diz a presidente da Associação, Kelly de Melo Santos. Ela conta que a deficiência foi superada com a conquista do projeto, por meio do Dom Távora, que financiou a aquisição de 64 novas modernas máquinas de costura e bordado, bem como matéria-prima (tecidos e aviamentos).

“Eu, em tantos anos como sócia e bordadeira, nunca vi um projeto que deu tanta coisa a nós como esse Dom Távora, foi máquina, tecido, linha, deu tudo que precisamos para fazer nossas costuras.”

NORMIZA ANDRADE DE JESUS, 67 ANOS, SÓCIA NÚMERO 01, FUNDADORA DA ASSOCIAÇÃO

O grupo recebeu também do Projeto Dom Távora:

- Oficinas para capacitação, realização de seminário de associativismo e cooperativismo, curso de gestão agrícola e não agrícola;
- Oficinas de artesanato realizadas no povoado Nova Brasília, na Associação de Bordadeiras e Moradores da Nova Brasília;
- Encontro Territorial e Estadual de Mulheres (sobre a valorização das mulheres no mercado de trabalho);
- Seminário em Aracaju, no Museu da Gente Sergipana, para a exposição das bolsas que foram produzidas na Oficina de Artesanato no povoado Nova Brasília;
- Participação no I e no II Encontro de Jovens Rurais do Semiárido, realizados pelo Programa Semear e Semear Internacional.

A presidente da Associação das Artesãs conta que, com a chegada do Projeto Dom Távora, o grupo está conseguindo alcançar os objetivos pretendidos, como aumentar a renda das mulheres, promover a sucessão do artesanato, produzir em maior quantidade e qualidade, e conseguir um mercado fixo para venda dos produtos.

Hoje, o trabalho de bordar se tornou mais atrativo para todos da comunidade, mesmo para os jovens, e um espaço de inclusão social onde vem diminuindo o preconceito de que “renda é coisa de mulher”.

“Já temos 10 meninos inseridos no processo do bordado, sendo que um deles já atua profissionalmente” DISSE ORGULHOSA JOSIVANIA MENEZES.

DENISE ALVES DOS SANTOS, ASSOCIADA. ALÉM DO BORDADO ELA PRODUZ OUTRAS PEÇAS, COMO TOALHAS E JOGOS DE COZINHA



DETLAHE DO RICHELIEU PRODUZIDO PELAS MULHERES DO NOVA BRASÍLIA



O Projeto Dom Távora, motivou ainda mais o espírito do associativismo como uma forma de aumentar a nossa fonte de renda, pois aprendemos a analisar nossos pontos fortes e fracos e também como somos bem mais fortes e produtivas quando estamos unidas em torno de um único objetivo”

DESTACOU KELLY DE MELO

Com dez anos de fundação, o projeto das artesãs já apresenta resultados importantes como:

- Melhoria e diversificação dos produtos;
- Mudanças na forma de pensar, principalmente dos jovens e mulheres, visto que o Dom Távora deu uma ênfase muito grande a esses dois segmentos – nas mulheres ele despertou a consciência sobre a importância do seu papel no mercado de trabalho e na composição da renda familiar, e nas mulheres e jovens houve uma sensibilização acerca da importância do papel do(a) agricultor(a) e de como a cultura do bordado enriquece nossa comunidade e nossa região;
- Mostrou como a gestão e o planejamento são importantes para a conquista dos objetivos, tanto pessoais quanto grupais;
- As capacitações do projeto Dom Távora motivaram de forma positiva toda a comunidade, pois os 64 beneficiários participaram de, pelo menos, alguns dos eventos e saíram espalhando informações, que chegavam aos demais (beneficiários indiretos). Com isso, muitos jovens procuraram a Associação para se associarem, pois viram os resultados que o projeto trouxe para a comunidade.
- Foram 64 beneficiários diretos e 256 indiretos das ações do Projeto Dom Távora. Toda a comunidade foi beneficiada, pois as 64 famílias que receberam matéria-prima precisam de mais pessoas para auxiliar na produção, gerando trabalho para cerca de 600 pessoas que são beneficiadas pelo projeto, direta ou indiretamente.



“Faço o trabalho comunitário porque me sinto feliz com as conquistas que melhoram a qualidade de vida da comunidade onde nasci e vivo até hoje. Quando conquisto algo de forma coletiva tenho a sensação de que a felicidade também é coletiva e isso me motiva a continuar lutando para que novos sonhos se realizem e mais pessoas sejam alcançadas por ele.”

JOSIVANIA MENEZES DE MELO SANTOS

JOSIVANIA MENEZES DE MELO SANTOS, 43 ANOS, EX-PRESIDENTE. ESTÁ FELIZ PORQUE SUA FILHA MAIS NOVA É A ATUAL PRESIDENTE, HERDOU DE SUA MÃE ESSE AMOR PELOS TRABALHOS DENTRO DA ASSOCIAÇÃO



KELLY DE MELO SANTOS, 22 ANOS, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO

CONHECENDO OS PRODUTOS DAS BORDADEIRAS

Entre as peças, que são vendidas principalmente no comércio da cidade, há artigos bastante variados, desde toalhas de rosto bordadas, lençóis e passadeiras até a indumentária completa utilizada em cerimônias de religiões de matriz africana, adornadas com bordados detalhados. Os preços variam de R\$ 5 a R\$ 550.

“O Projeto Dom Távora nos trouxe muitos benefícios, mas pra mim o mais importante foi a atenção e o reconhecimento que ele trouxe para nossa comunidade, em especial para nós jovens e mulheres, fazendo-nos sentir importantes e valorizados pelo que realmente somos: bordadeiras e agricultores familiares, e isso não tem preço.”

KELLY DE MELO SANTOS



ESSA EXPERIÊNCIA FOI CONTADA E ESCRITA POR:

EDNILSON BARBOSA SANTOS

JORNALISTA

Assessor de Comunicação da Secretaria de Estado da Agricultura, Desenvolvimento Agrário e da Pesca – Sergipe
ednilsonjornalista@gmail.com | gabinete@seagri.se.gov.br

58

59



Do saco amarrado ao código de barras

*REDE DE COMERCIALIZAÇÃO MUDA
A REALIDADE DA AGRICULTURA
FAMILIAR NO SEMIÁRIDO BAIANO*

por Egnaldo Gomes Xavier

Uma iniciativa pioneira no estado da Bahia para comercialização de frutas nativas desenvolve há mais de 15 anos um importante trabalho de formação em torno dos empreendimentos para o processo de comercialização de produção em Rede. A comercialização da produção, cada vez mais complexa e exigente, requer profissionalismo e conhecimento do setor.



PROJETO

PRÓ-SEMIÁRIDO – CAR/BAHIA

A comercialização tem sido um dos maiores desafios das cooperativas dos agricultores familiares do semiárido baiano. Pensando nisso, a Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR) e Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) vêm desenvolvendo um conjunto de ações e investimentos através de seus programas e projetos. Implementa estas ações em parceria com os agricultores familiares e suas organizações, visando estruturar ações de mercado.

Nesse sentido, pretendemos sistematizar a experiência de comercialização em Rede, realizada no norte da Bahia, através da sua Central de Comercialização das Cooperativas. Visamos evidenciar os avanços e desafios enfrentados com a comercialização da produção de sua base social, (associações e cooperativas), em processo de modernização do modelo de negócio estabelecido na região e no país.

RESPEITANDO AS PARTICULARIDADES LOCAIS, OS RESULTADOS CHEGAM COM NATURALIDADE

A Bahia é diversa e plural, com uma grande riqueza socioeconômica e cultural. Perfaz uma realidade complexa, devido à sua dimensão e diferentes biomas (caatinga, mata atlântica e cerrado). É o estado que possui o maior número de estabelecimentos rurais do país: 762,6 mil¹. Estes estabelecimentos são, na sua maioria, produtivos e estão representados por agricultores familiares, responsáveis por mais de 75% da produção de alimentos do país, tanto no que diz respeito à quantidade como em diversidade – nativas e exóticas. A maior parte deles segue uma base extrativista ou agroecológica, com grande aproveitamento da biodiversidade local, possível devido à ação organizada dos agricultores familiares em associações e cooperativas.

Apesar do potencial produtivo, essa região ainda apresenta muitas fragilidades e desafios, peculiares às condições socioambientais e econômicas. Contudo, as políticas públicas voltadas para agricultores familiares e suas organizações somente foram desenvolvidas no fim dos anos noventa do século passado. Instituições como o IRPAA (Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada), vêm desde então implementando eficazmente tecnologias sociais de convivência com o semiárido. Estas tecnologias visam assegurar o fortalecimento das associações e entidades de base familiar, e de empreendimentos de economia solidárias. A COOPERCUC (Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos Uauá e Curaçá) – exitosa no beneficiamento e comercialização das frutas da caatinga hoje é tida como caso de sucesso na região norte da Bahia.

As primeiras iniciativas de produção, beneficiamento e comercialização em Rede surgiram na região Norte da Bahia (Canudos, Uauá e Curaçá) em 1997, como a de Grupos Unidas no Sertão. Se dedicavam a derivados do umbu. Esse grupo mais tarde se constituiu como Rede Sabor Natural do Sertão, para cuidar do processo de articulação de muitos grupos produtivos que surgiram na região ao longo dos anos.

¹ Segundo o último censo agropecuário do IBGE.





COOPERCUC

Oferecendo assessoramento técnico e contínuo desde a década de 1990, a presença do IRPAA foi fundamental para articular e promover o surgimento de diversos grupos produtivos em outras partes do Semiárido. Respeitando a biodiversidade local, e as particularidades locais, o Instituto fez com que os resultados pudessem chegar com naturalidade. A experiência da COOPERCUC se viu replicada em diversas partes do Semiárido. Para coordenar estas mudanças, criou-se a rede denominada Rede Sabor Natural do Sertão (RSNS), para grupos/empreendimentos da agricultura familiar².

Em 2015, chega o **Pró-Semiárido**, (projeto coordenado pela CAR, mediante acordo de empréstimo do FIDA (Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola) na região, com a proposta de fortalecimento das organizações econômicas. Se aproximando da Rede, contribui com o processo de institucionalização da mesma. Inicia-se, assim, a Central de Comercialização das Cooperativas da Caatinga, denominada de **Central da Caatinga**. Foi instituída em abril de 2016, com 9 cooperativas filiadas e mais de 20 empreendimentos, que compõem a sua base social.

A Central da Caatinga é, em si, o resultado das intervenções aqui capitalizadas.

Nesse contexto, já nasce com o propósito de contribuir para o processo de estruturação e fortalecimento institucional dos empreendimentos da agricultura familiar/cooperativas e estabelecer ações de mercado.

Tornou-se um importante instrumento na solução de gargalos e obstáculos da gestão comercial tanto das cooperativas, como dos grupos produtivos da sua base social. Dando assessoramento técnico regular e sistemático, provou ser fundamental para estabelecer estratégias de comercialização em rede, no intuito de assegurar o acesso aos diferentes mercados através da articulação com outras redes de comercialização já consolidadas. Desta maneira, contribui para o fortalecimento da agricultura familiar e para a promoção do desenvolvimento sustentável das organizações econômicas de territórios da Bahia.

² A Rede Sabor Natural do Sertão: (a) promovia e articula diversas ações na gestão de conhecimentos, como encontros de formação (cursos e oficinas e intercâmbios) e ações de gênero; (b) viabilizava a comercialização dos produtos nativos de vários biomas da Bahia, Pernambuco e Piauí; e (c) supervisionava o planejamento da produção, inclusive as compras de insumos. Servia, assim, de modelo de empreendimento sustentável.

PENSANDO PARA “ALÉM DA PORTEIRA”

As cooperativas e os grupos produtivos da agricultura familiar enfrentam sérios desafios para escoar a sua produção e disputar espaço no mercado. A comercialização da produção se torna cada vez mais complexa e exigente, requerendo profissionalismo e conhecimento do setor. Os agricultores/as familiares são, neste sentido, órfãos históricos de uma assistência técnica voltada para a comercialização.

Produziam basicamente para subsistência, sem preocupação com as exigências e regras impostas pelo mercado. Por essas e outras razões, o papel das Redes de Comercialização é fundamental na busca por caminhos alternativos, que viabilizem, por um lado, o escoamento da produção das cooperativas e, por outro, crie circuitos de compra conjunta de insumos, efetivando ações de comercialização coletiva de acordo com as demandas.

Os grandes problemas enfrentados pelas cooperativas na área comercial começam pela falta de gestão, associada à falta de capital de giro. As cooperativas ficam vulneráveis às regras impostas pelo mercado, correm grandes riscos e, em muitos casos, comprometem os resultados das operações das suas agroindústrias.

Existem exceções honrosas.

A Central da Caatinga, a Rede Estadual de Comercialização e a Central do Cerrado são redes de comercialização que vêm, ao longo dos anos, criando estratégias para escoar a produção das cooperativas através da comercialização coletiva dos produtos dos empreendimentos – orgânicos ou de base agroecológica – em diversas partes do Brasil.

Com o surgimento de novas cooperativas e associações na região, inicia-se um novo ciclo. Através do trabalho realizado pela Rede, muitas destas cooperativas já começaram a fazer o planejamento da produção, buscando selos e certificações, ofertando produtos padronizados com identidade visual e marca comercial bem apresentados (rótulos, marcas e logomarcas).

Para dinamizar as ações da Rede, a Central da Caatinga vem promovendo espaços de debates e de construção de novos conhecimentos. Por meio de empreendimentos na sua base social, vem promovendo intercâmbios e seminários, realizando cursos e oficinas sobre gestão de processos produtivos e comerciais, e participando de feiras e exposições em diversas regiões do país e internacionalmente, para articular ações de acesso a novos mercados.





A Central da Caatinga reuniu muitos esforços e diversos integrantes de sua base social (agricultores/as, dirigentes das cooperativas, associações e empreendimentos produtivos de base, técnicos, parceiros, agentes públicos), na construção do seu planejamento estratégico e Plano de Negócio. O plano apresenta a estruturação da produção e comercialização dos produtos da agricultura familiar da sua base social. O esforço coletivo de toda Central da Caatinga e de sua base social foi para consolidar, em um documento, as ações, metas, estratégias, atividades e orientações para os próximos 03 anos. Vai além de mera formulação de um planejamento: constitui um exercício de autorreflexão existencial e autogestão, que há tempos se processa e se esperava.

RESULTADOS EFETIVOS: REDE DE LOJAS

Outra ação de destaque da Central da Caatinga consiste na parceria que está sendo estabelecida entre diversas lojas de comercialização de produtos da agricultura familiar e a Rede Estadual de Comercialização da Bahia e a Central do Cerrado em São Paulo. Mais de 30 lojas no estado da Bahia vêm fortalecendo as ações comerciais em rede, e promovendo a comercialização dos produtos de vários biomas e diversas cooperativas. Investe também em empreendimentos ligados tanto à Central da Caatinga, como aos mercados em São Paulo. Em São Paulo trata-se de parcerias da Central do Cerrado e da Conexão Solidárias com uma loja no mercado municipal de Pinheiros, na capital. Estabelecem-se assim relações comerciais mais efetivas com os diversos mercados.

PRODUTORES LOCAIS DE PRODUTOS DE CONSUMO NACIONAL

ABERTURA EM BREVE

O Armazém da Agricultura Familiar é um preposto regional de comercialização das cooperativas da agricultura familiar e economia solidária de todos os territórios de identidade da Bahia. A ser construído na orla de Juazeiro – polo do Sertão do Rio São Francisco, com uma população circulante próxima a um milhão de pessoas – tem a finalidade de fortalecer a Central de Serviços e dar apoio à agricultura familiar. Especificamente visa ampliar e aperfeiçoar as ações da Central da Caatinga, no que concerne à comercialização, distribuição e logística em Rede, junto às prefeituras e escolas públicas estaduais nas vendas pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), aos supermercados, as padarias, lanchonetes e aos consumidores em geral. Fortalecendo as organizações econômicas do território. Este esquema de ações inclui ainda o suporte logístico a todos os empreendimentos na distribuição de produtos e insumos.

O projeto do Armazém da Agricultura Familiar conta com o apoio financeiro do Pro-Semiárido e faz parceria com a Prefeitura Municipal de Juazeiro, concretizando uma estratégia de desenvolvimento territorial e articulação de políticas públicas para o desenvolvimento sustentável dos empreendimentos da agricultura familiar e da economia solidária.

Para além, deverá ser um ambiente gastronômico, com forte apelo comercial para promover e viabilizar a comercialização dos produtos da Caatinga e de outros biomas da Bahia e do Brasil: Mata atlântica e Cerrado. Estima-se que há de gerar receita para garantir a manutenção da Central da Caatinga. Por hora, e para dar respostas às questões comerciais dos empreendimentos ligados à Central da Caatinga e fortalecer as estratégias

de comercialização dos produtos das cooperativas em REDE, a Central da Caatinga inaugurou em março de 2018 uma pequena loja no centro de Juazeiro. A loja foi estruturada com apoio do IRPAA, através do projeto ECOFORTE e do Pro-Semiárido, através de acompanhamento técnico e assessoria permanente.

A loja conta com uma variedade de mais de 300 itens, de 30 cooperativas da agricultura familiar. Doces, bebidas, derivados de mandioca, queijos – todos de base agroecológica e orgânicos, oriundos de várias regiões da Bahia e do Brasil – geram oportunidades de negócios, comercializando mais de R\$ 20.000,00 por mês.

Em virtude desses novos desafios, a Central da Caatinga vem a cada dia consolidando o seu trabalho, prestando um importante serviço, contribuindo decisivamente para a transformação social de milhares de agricultores e agricultoras do semiárido baiano, no afã de colaborar com a estruturação de processos organizativos, produtivos e comerciais de diversas organizações da sua base social: as cooperativas e associações.

Os resultados já podem ser verificados por meio de lojas de comercialização sendo alastradas por todo país, que vieram para viabilizar a comercialização das cooperativas filiadas à Central da Caatinga. Estas alavancam a diversificação e o intercâmbio de produtos com outras regiões do país que trabalham com a produção agroecológica e orgânica. Também já é uma realidade a integração de sistemas produtivos com outras cooperativas e redes de agricultores familiares. Rotas solidárias contam com a distribuição de produtos.



VAMOS FALAR SOBRE DESAFIOS E SUSTENTABILIDADE

Apesar dos avanços, os empreendimentos e cooperativas da agricultura familiar enfrentam muitos desafios, sobretudo aqueles referentes à comercialização. Há falta de estruturas de produção (agroindústrias), e de produtos com condições para receberem registros, selos e certificações. Outro fator limitante criando barreiras para sua relação com o mercado é a falta de capital de giro para garantir a produção, financiar os insumos, o estoque e as vendas.

Um fator crucial é a relação de parcerias com as diversas Redes de comercialização dos estados e do país. Provou ser importante participar de espaços de feiras e exposições para criarem novos circuitos e possibilidades comerciais e garantir a sustentabilidade dos empreendimentos da agricultura familiar a partir do aumento das receitas de vendas. O faturamento das cooperativas está vinculado às oportunidades de mercado. Ainda um fator a ser perseguido pela Central e suas cooperativas é o investimento contínuo nos aspectos da diversidade e da qualidade de seus produtos orgânicos ou agroecológicos, por serem estes o seu diferencial.

“A central é uma grande estratégia para os empreendimentos da agricultura familiar. Para mim, a Central significa mesmo a oportunidade de negócio, geração de trabalho para as famílias, significa a viabilidade de um processo de gestão organizado e estruturado com suas singularidades.” FORMULOU ADILSON RIBEIRO, PRESIDENTE DA CENTRAL DA CAATINGA

Por fim, a sustentabilidade da Central da Caatinga está diretamente vinculada à gestão profissionalizada das cooperativas de sua base social. Por isso, recomendamos à Central estabelecer um processo de formação continuada e criar mecanismos de controle para estruturar os empreendimentos com estratégias de gestão com ferramentas que assegurem a gestão profissionalizada, da central e de suas cooperativas filiadas.

Que se implante nas cooperativas um sistema de planejamento, monitoramento e avaliação permanente, como instrumentos de gestão. Elaborar, implantar e monitorar um plano de negócios ou um planejamento estratégico da organização, para que esta possa ter governança dos processos de tomadas de decisões de forma coletiva e descentralizada.



ESSA EXPERIÊNCIA FOI CONTADA E ESCRITA POR:

EGNALDO GOMES XAVIER

BIÓLOGO

Técnico em Desenvolvimento

Agroindustrial da Car/Pró-Semiárido

egnaldo_12@yahoo.com.br | egnaldoxavier@car.ba.gov.br



Jovens comunicadores: permanência no campo e democratização das mídias

UMA EXPERIÊNCIA INOVADORA DE FORMAÇÃO EM FERRAMENTAS DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO PARA VALORIZAÇÃO DA CULTURA LOCAL BUSCA GARANTIR DIREITOS E OPORTUNIDADES NO SEMIÁRIDO BAIANO

por Emília Chaves Mazzei

O FIDA proporciona empoderamento e geração de renda para a juventude rural por meio de formações e intercâmbios desenvolvidos para jovens de comunidades rurais da Bahia, via Pró-Semiárido.



PROJETO

PRÓ-SEMIÁRIDO – BAHIA

O projeto Jovens Comunicadores é uma iniciativa das assessorias de Comunicação e Gênero do Pró-Semiárido, fruto da parceria entre o Governo da Bahia e o Fida, por meio da Secretaria de Desenvolvimento Rural (SDR). A Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional (CAR) executa o projeto, o qual tem como objetivo atrair a juventude rural e oportunizar a geração de autonomia socioeconômica destes/as jovens, por meio do aprendizado de ferramentas de comunicação e expressão.

Este artigo propõe analisar a execução desse projeto pioneiro, como também o impacto de seus resultados provisórios na contenção do êxodo rural na região.

A experiência a ser sistematizada está sendo desenvolvida em toda a área de abrangência do projeto. O recorte a ser sistematizado refere-se a três turmas do início do projeto, localizadas no Território de Identidade¹ Sertão do São Francisco, na Bahia, em sua experiência-piloto, até o estágio em que se encontram, em novembro de 2018.

¹ Os Territórios de Identidade da Bahia foram reconhecidos como divisão territorial oficial de planejamento das políticas públicas do estado, em 2010.

ALINHAMENTOS E AÇÕES

Durante as primeiras reuniões e assembleias para a elaboração dos planos de Desenvolvimento e Investimento nas comunidades dos 32 municípios da área de abrangência, constatou-se a baixa representação do público entre 15 e 29 anos de idade. Foi despertada, assim, a necessidade de promover uma ação específica e atrativa para o envolvimento destes/as jovens nas atividades do projeto.

A Assessoria de Comunicação buscou, então, dialogar com o Instituto da Pequena Agropecuária Apropriada (Irpaa) e o Serviço de Assessoria a Organizações Populares (Sasop). Por já realizarem formações em Comunicação nas suas organizações, as duas entidades regionais – já contratadas pelo Pró-Semiárido para prestar assessoramento técnico – foram parceiras desde a fase de desenvolvimento do Jovens Comunicadores. Foi desenhado o projeto, com abertura, em maio de 2017, de três turmas para experiência.

O projeto se compõe de dez encontros, chamados oficinas, com os seguintes temas: Rádio-web, Vídeo por celular, Técnicas de entrevista e Produção de texto, Direito à Comunicação, Marketing Digital, Fotografias: Básica e Avançada, Cordel, Cidadania e Gênero.

OFICINA DE CIDADANIA



CARTILHAS DIDÁTICAS, PARA UTILIZAÇÃO DURANTE AS OFICINAS. OS ASSUNTOS ABORDADOS REMETEM À REALIDADE DA REGIÃO E ESTIMULAM A LEITURA, A REFLEXÃO E A ESCRITA.



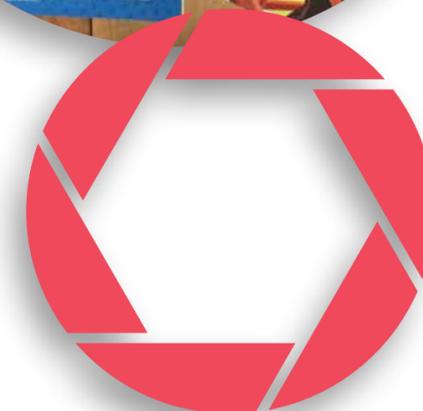
Para a condução das oficinas, professores/as – denominados “oficineiro/as” – foram contratados/as individualmente. Além deles, cada escritório local possui uma jornalista, que desempenha a função de facilitadora em todas as oficinas e intercâmbios, conduzindo as turmas e permeando os encontros com temas relacionados ao contexto local.

Importante na condução do processo, as parcerias construídas preveem a seleção dos/as jovens e o compromisso de colaboração. São as parcerias que disponibilizam o local e os equipamentos necessários para realizar os encontros, além de mobilizarem e acompanharem o grupo até a conclusão de cada atividade do projeto. As despesas com deslocamento, hospedagem e alimentação dos jovens são cobertas pelo projeto.

A seleção dos/as jovens é realizada pelas entidades de Assistência Técnica Contínua (ATC)², parceiras prioritárias na abertura das turmas, respeitando um perfil preestabelecido para esses/as jovens, e com equidade de vagas por gêneros. Essas organizações atuam junto aos três escritórios locais do Pró-Semiárido, localizados em Juazeiro, Senhor do Bonfim e Jacobina. Porém, as parcerias para o Jovens Comunicadores podem ser estabelecidas com outras instituições, inclusive prefeituras.

A orientação dada é a de que o indivíduo beneficiário do Jovens Comunicadores esteja envolvido em ações coletivas, possua um perfil de liderança e se enquadre, preferencialmente, na faixa etária definida.

² Serviço de Assessoria a Organizações Populares Rurais (Sasop); Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA); Instituto de Desenvolvimento Social e Agrário do Semiárido (Idesa); Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá; Associação de Pequenos Produtores de Jabuticaba (APPJ); Cooperativa de Trabalho, Assistência e Agricultura Familiar Sustentável Piemonte (Cofaspi); Associação de Assistência Técnica e Assessoria aos Trabalhadores Rurais e Movimentos Populares (Cactus); Serviço de Assistência Socioambiental no Campo e Cidade (Sajuc); Central de Assistência da Agricultura Familiar do Território Piemonte Norte do Itapicuru (Caafitipi); Associação Regional dos Grupos Solidários de Geração de Renda (Aresol) e Cooperativa de Consultoria Pesquisa e Serviços de Apoio ao Desenvolvimento Rural Sustentável (Coopeser).



Com uma média de vinte jovens por turma, as oficinas duram dois dias, cada um com aulas de seis horas, e uma noite cultural, com duração de duas horas. Juntos/as, oficinairo/a e facilitadora desenvolvem um programa sob medida antes de cada aula e enviam à coordenação, para validação da proposta.

A programação de cada oficina é composta por uma mística de abertura, rodas de diálogo e práticas, que incluem produções criativas de texto e análises de conteúdo. Durante o dia, o diálogo e a troca de saberes se estabelecem, com atividades que envolvem conteúdos contextualizados com a realidade dessas comunidades. Tópicos abordados: Convivência com o Semiárido, Agroecologia, Políticas Públicas, Associativismo, Economia Solidária, Agricultura Familiar, Etnicidade, entre outros. Cada oficina é finalizada com uma avaliação individual sobre os trabalhos e cada jovem responde a um questionário de cadastro e registro do perfil sociocultural e econômico dos participantes. A Assessoria de Comunicação processa os dados, com a colaboração da equipe de Monitoria e Avaliação do Pró-Semiárido.

Após as três primeiras oficinas, cada turma realiza um intercâmbio, para conhecer uma entidade que trabalhe com empoderamento juvenil. Em seguida, realiza-se um Festival Cultural em uma das comunidades-referência da turma, para apresentar aos familiares dos/as participantes os produtos desenvolvidos pelos jovens nas oficinas.

Ao longo das etapas, as turmas vão se conhecendo. Afinal, encontram-se em um grande evento de formatura, com entrega dos certificados, momento previsto para ocorrer em 2019.

CORES, BRILHOS, POESIA E TROCA DE SABERES

Um baú feito com madeira de compensado fica à disposição do grupo na Noite Cultural. Abriga fantasias, chapéus, purpurina, brilhos, retalhos de tecidos, tesouras, fitas adesivas – um tudo – para que os/as jovens criem figurinos lúdicos e criativos.

É o momento de apresentarem seus talentos.

O evento reúne exposição fotográfica, declamações de cordéis, danças, cantigas tradicionais desenvolvidas e apresentadas pelos/as jovens. Esse show de habilidades conta com a presença de artistas regionais, fomentando assim intercâmbios culturais.

Realiza-se, também, uma roda de “contação” de histórias, parte do que chamamos Fogueira Sagrada, etapa incluída para resgatar rituais ancestrais de purificação.

REFLEXÃO AO REDOR DA FOGUEIRA SAGRADA



DEMOCRATIZAÇÃO DAS FERRAMENTAS – FASES

Teste inicial: O início das ações se deu em 2017, quando o projeto foi iniciado no Território de Identidade Sertão do São Francisco, com a participação de 64 jovens, divididos em três turmas oriundas de municípios atendidos pelo escritório local do Pró-Semiárido, em Juazeiro: duas em Remanso e uma em Juazeiro. Participaram moradores/as de comunidades dos municípios de Casa Nova, Sento Sé, Sobradinho, Monte Santo, Remanso, Pilão Arcado, Juazeiro e Campo Alegre de Lourdes. Desde então, o projeto conta com poucas desistências.

Parcerias e espaços ampliados: A partir de 2018, o Projeto Jovens Comunicadores abriu novas turmas em municípios atendidos pelos escritórios locais de Senhor do Bonfim e Jacobina, chegando ao número de doze turmas, com total de 381 jovens, até esta data. Exemplos de novas parcerias são o Sindicato de Trabalhadores Rurais de Remanso, a Rádio Zabelê FM; a Paróquia de São João, a Rádio Luz do Sertão, em Uauá, e a Prefeitura de Pindobaçu, por meio do Centro de Referência em Assistência Social (Cras). Todos cedem os espaços para a realização das oficinas e contribuem para efetivar e divulgar as atividades entre os/as beneficiários/as.

De aprendizes a protagonistas: As oficinas de Cordel3, ministradas pelo poeta e cordelista, Mavial Melo, resultaram na produção de 1.338 versos. Os temas foram: Direitos e Deveres, Comunicação, Educação, Gênero, Violência Doméstica, Agricultura Familiar, Drogas, Política e Cidadania.

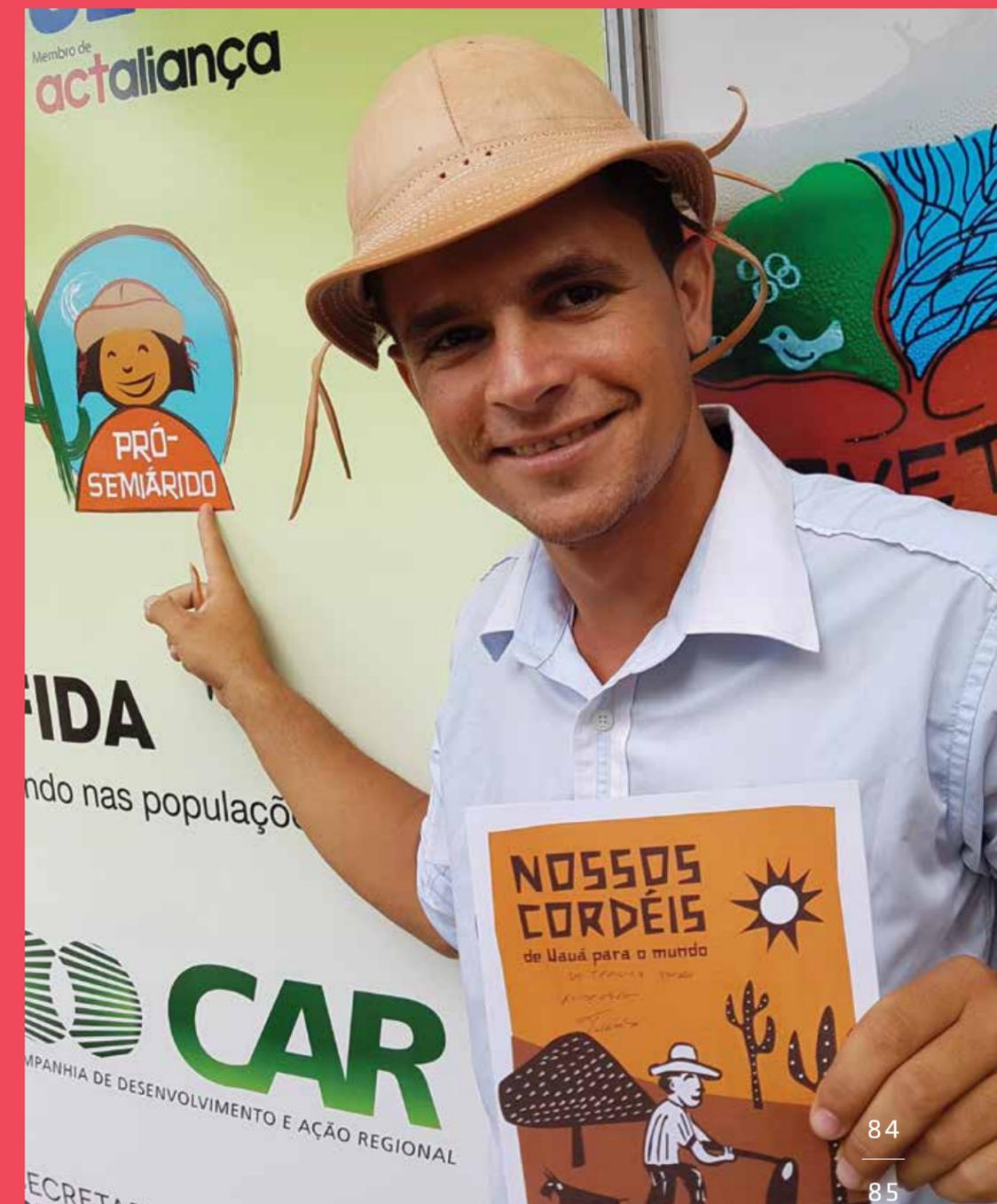
Na oficina de Cidadania, mediada pela cientista política Claudia Machado, os/as jovens são estimulados/as a apresentar projetos sociais que envolvam suas comunidades. As turmas desenvolveram vinte propostas sobre temas que vão desde uma campanha de conscientização sobre descarte de resíduos sólidos nas comunidades até a criação de uma unidade de beneficiamento de couro. Essas propostas serão detalhadas numa segunda oficina de Cidadania, para que sejam analisados a viabilidade e o apoio, pela Coordenação do Pró-Semiárido.

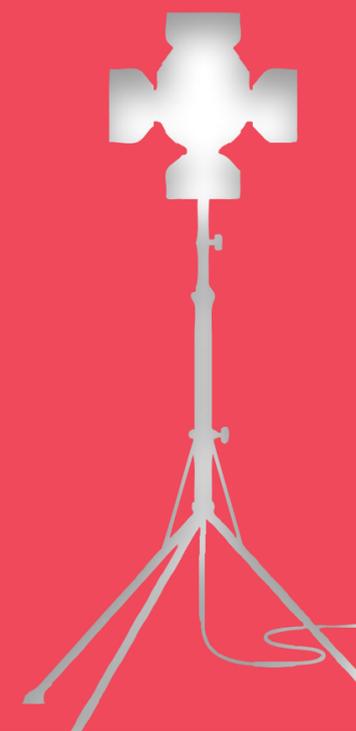
³ Literatura de cordel: gênero literário popular escrito frequentemente na forma rimada, originado em relatos orais e, depois, impresso em folhetos.

A HISTÓRIA DE TEONES

Jovem da comunidade do Retiro, no município de Uauá, teve seus cordéis publicados antes do início das oficinas do Projeto Jovens Comunicadores. Vinha chamar a atenção dos/as beneficiários/as do Pró-Semiárido para as atividades não agrícolas, que podem ser desenvolvidas e atrair a juventude. A partir daí o jovem tem sido convidado por escolas, em eventos, para falar sobre sua experiência para outros/as jovens, estimulando que outros/as escrevam. Teve seu trabalho reconhecido e premiado pela primeira vez em Juazeiro, no concurso Tempos de Artes Literárias de 2014. Nos anos de 2016 e 2017, ganhou um *tablet* e R\$ 500,00 em prêmios no Festival do Umbu, festa tradicional de Uauá, e continua atuando como cordelista na região.

Teones conquistou visibilidade ao ser convidado a apresentar um cordel para o governador do estado, durante um evento de assinatura de convênios do Pró-Semiárido. tornou-se protagonista de duas campanhas publicitárias – uma do governo e outra da SDR. Sua imagem foi divulgada por toda a Bahia, em outdoors, na televisão e nas redes sociais.





REVERSÃO DO QUADRO MIGRATÓRIO

Desde o início do projeto, os/as jovens foram convidados/as a cobrir eventos regionais, a exemplo da 19ª Festa da Mandioca, no município de Casa Nova, com textos e fotos divulgadas no site do Sasop. Percebemos, com isso, o crescimento do interesse dos/as jovens pela divulgação de notícias e fotos das suas localidades, o que alavancou a criação de páginas nas redes sociais por eles/elas – resultado das oficinas.

Com o desenrolar das ações e do reconhecimento público, iniciou-se uma intensa procura por vagas no projeto Jovens Comunicadores, gerando uma lista de espera. Demonstrou-se, assim, como o trabalho conseguiu incluir e encantar a juventude do semiárido. Explicitou-se que, tendo oportunidades envolventes e inovadoras, os/as jovens desejam fazer parte delas e – acima disto – tendem a permanecerem em seus territórios.

INCLUSIVO E INOVADOR

Analisando os resultados obtidos pelo Projeto Jovens Comunicadores, verificamos e observamos melhoras em dois níveis: houve aumento do público jovem como beneficiário do Pró-Semiárido, no Componente Produtivo, diminuição do êxodo rural da juventude da região para grandes centros urbanos, e já são percebidos os primeiros sinais de geração de renda e autonomia desses/as jovens, a partir do aprendizado proporcionado pelo Jovens Comunicadores.

Para medir os resultados do projeto, perguntamos aos/às jovens: “Tens desejo de sair daqui?” A resposta foi: “Não”. Pois o projeto gera oportunidades para a juventude ficar e gerar renda.

São inúmeros os depoimentos de diversos, dos mais de 380 beneficiários do Jovens Comunicadores, que traduzem as mudanças que já são sentidas por eles/elas em termos de visão de mundo, de olhar crítico e de descoberta de talentos que se desdobra em atividade profissional e local.

A dinâmica dos trabalhos nas oficinas se utiliza de recursos multimídias e tradicionais, para a realização de atividades de reflexão sobre variados aspectos da comunicação. Durante o curso são debatidas temáticas como o significado de nascer no semiárido da Bahia, que é o estado mais negro do país. Contextualizando com a história das diferentes colonizações brasileiras, e de como foram direcionadas, as oficinas incluem assuntos referentes a terra, ao fazer política, ao regionalismo, associativismo e como se estruturam as instituições públicas, por exemplo.

A escolha dessas questões para reflexão se deve ao fato de que o uso e a difusão das mídias alternativas – de caráter comunitário – têm criado espaços importantes de participação da juventude, como momentos de afirmação da resistência cultural e política desse público. Porém, ainda é necessária a qualificação dessa participação, de forma mais articulada e efetiva, visando a construção de um projeto de sociedade mais justa e sustentável.

Com a utilização de produtos adquiridos da agricultura familiar e a proibição de alimentos processados e industrializados nas refeições e lanches das oficinas, a ação aborda implicitamente a importância da nutrição e da segurança alimentar.

Quanto às oficinas de Fotografia Básica, foram registradas quatrocentas fotos de alta qualidade, de autoria dos/as jovens. Tiradas a partir do entendimento do papel estratégico da fotografia, demonstram compreensão desta como expressão estética, percepção subjetiva, produção autoral, leitura do mundo visível, tramas de ver e registrar visualmente a história. São voltadas para o desenvolvimento do olhar.



Clécia é uma das participantes do Jovens Comunicadores, que já demonstrava paixão por fotografia, mesmo antes de entrar no projeto, mas, a partir das oficinas, aprimorou seus conhecimentos e mostrou o que sabia em trabalhos voluntários. Hoje, cobra R\$ 50,00 por séries de casamentos, aniversários e eventos na comunidade.

“Eu sempre tive aptidão para fotografia, sempre fotografei tudo. Daí veio o projeto, a Oficina de Fotografia, que foi de fundamental importância, pois aprendi sobre muita coisa: a história da fotografia, enquadramento, iluminação... enfim, já estou vendendo fotografias.”

CLÉCIA RIBEIRO DA SILVA, COMUNIDADE CALDEIRÃOZINHO, MUNICÍPIO DE UAUÁ

OFICINA DE FOTOGRAFIA AO AR LIVRE. ESTIMULA OS/AS JOVENS A CONHECEREM AS BELEZAS E HISTÓRIAS DA REGIÃO, ALÉM DE FORTALECER E VALORIZAR SUA IDENTIDADE CULTURAL

PARA GARANTIRMOS EMPODERAMENTO SUSTENTÁVEL

Analisando o cenário político, podemos concluir que a prioridade do Governo do Estado da Bahia em fortalecer a agricultura familiar e desenvolver as comunidades rurais – estimulando a geração de renda – favoreceu a realização dessa atividade de empoderamento da juventude por meio da comunicação.

Vemos que o Projeto Jovens Comunicadores é inédito, tanto no Governo do Estado da Bahia quanto nos projetos Fida. Não há registros de políticas públicas voltadas para a juventude rural, com foco na formação em comunicação e cidadania. A experiência tem demonstrado grande potencial, visto os resultados positivos e um cenário promissor nas comunidades. Por fim, certificamos que houve retorno de políticas públicas que beneficiam a juventude por meio investimento em formações.

Recomenda-se ainda a ampliação do investimento e das ações voltadas para a geração de renda e permanência da juventude no campo.

EXERCÍCIO NA OFICINA DE FOTOGRAFIA



“A proposta do Jovens Comunicadores é muito rica, na verdade, muito ampla e complexa. É, talvez, até maior do que ela devesse ser. Esta é uma avaliação que faço, como idealizadora do projeto. Hoje, cada turma passa por dez oficinas, e os jovens ficam um pouco mais de um ano com a gente. [...] Talvez cinco oficinas fossem suficientes para que conseguíssemos ampliar ainda mais o número de turmas.”

DESTACA A ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO
DO PROJETO EMÍLIA MAZZEI



ESSA EXPERIÊNCIA FOI CONTADA E ESCRITA POR:

EMÍLIA CHAVES MAZZEI

JORNALISTA

Assessora de Comunicação do Pró-Semiárido

emiliamazzei@gmail.com | emiliamazzei@car.ba.gov.br



Integração sementes e liberdade

*PARA ALÉM DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA E PECUÁRIA,
ASSENTAMENTO DO SEMIÁRIDO SERGIPANO
AMPLIA CASA DE SEMENTES CRIOULAS*

por Gilmara Farias

Aliança entre órgãos nacionais e o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA) possibilitou a produção de boas sementes crioulas e alimentos de base agroecológica. Essa iniciativa de sustentabilidade social e ambiental com as famílias assentadas vem sendo vista como o trabalho de resgate das culturas do assentamento.



PROJETO

DOM TÁVORA – SERGIPE

A “Integração Sementes e Liberdade” é uma ação das famílias do Projeto de Assentamento Francisco José dos Santos (PAFJS), localizado na Comunidade Malhadinha no município de Poço Verde, no estado de Sergipe.

E por que Liberdade?

“Liberdade quer dizer que temos sementes e trator pra plantar na época certa, sem precisar ir buscar fora ou depender do governo.”

Em parceria com a Secretaria Estado da Agricultura, Desenvolvimento Agrário e da Pesca (Seagri), o Assentamento Francisco José dos Santos (PAFJS) foi contemplado com o Projeto Dom Távora, financiado pelo FIDA e pelo Governo do Estado, com a contrapartida da associação. O projeto Dom Távora de investimento produtivo visa fomentar a sustentabilidade ambiental e a geração de renda.

Neste artigo, olharemos em detalhes para duas dessas ações: a identificação dos guardiões de sementes, como também o fortalecimento e disseminação das casas de sementes crioulas.



PREPARO DO SOLO COM TRATOR E ARADO

AS SEMENTES DOS PROJETOS

Tudo começou com a criação do assentamento, no ano de 2008, que beneficiou, então, dez famílias. Logo, a equipe de Assistência Técnica do Centro Comunitário de Formação em Agropecuário Dom José Brandão de Castro (CFAC) e a coordenação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) iniciaram mobilizações das famílias para a necessidade de produzir sem o uso de agrotóxicos. Foram identificados vários guardiões e guardiãs de semente no assentamento de comunidade vizinha pela Ater, que promoveu intercâmbios, seminários, cursos, dia campo e visitas técnicas.

Rapidamente, as famílias perceberam a necessidade de constituir uma entidade jurídica para poder buscar parcerias junto a diversos órgãos, de maneira a consolidar este objetivo: um projeto de produção agroecológica e de armazenamento de sementes crioulas.

OS FRUTOS DOS PROJETOS

Após sua constituição, a Associação Comunitária em Agropecuária do Projeto de Assentamento Francisco José dos Santos foi fundada em 2015. Conta, atualmente, com 42 sócios. Foram feitas parcerias com a Articulação do Semi-árido Brasileiro (ASA). O consórcio desenvolveu projetos de construção de duas cisternas e concretizou, ainda, a construção de uma casa de sementes.

Também constituiu parceria com a Companhia de Desenvolvimento de Recursos Hídricos e Irrigação de Sergipe (Cohidro), através da qual foi construída uma barragem, hoje já pronta e cheia.

Tanto com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra) quanto com a Assistência Técnica e Extensão Rural (Ater), a Assistência Técnica do CFAC criou parceria ao longo dos anos para diversas ações. Dentre estas se destaca a produção e armazenamento de sementes crioulas.

Entende-se o resgate das sementes crioulas como uma forma de garantir independência no sistema de produção. Resgatar esses saberes possibilita diminuir a dependência das famílias dos atuais pacotes tecnológicos das grandes empresas. Pois, além de dispensar a compra de sementes, exclui o uso de agrotóxicos.

Essa dependência foi superada quando os técnicos e a coordenação do MST fizeram parceria com a Seagri, por meio do Projeto Dom Távora, e adquiriram um trator e implementos agrícolas. Os implementos facilitam muito o preparo do solo. Mais importante que isso, o maquinário agrícola possibilitou a semeadura na época certa, pois esse trabalho era sempre prejudicado devido à dependência de trator e equipamentos para o preparo do solo e plantio.

“Hoje eu tenho meu próprio plantio e posso dizer: colhi cinco sacos de feijão crioulo”,

REVELA ALEGREMENTE A ASSENTADA JOSÉLIA ALVES

Com esse trabalho no assentamento, foi possível resgatar diversas variedades de sementes crioulas. Dentro delas se destaca a semente de melancia forrageira, que está sendo cultivada por vários assentados. Estão tendo na melancia uma das principais fontes de suporte forrageiro para o sistema de criação do rebanho.

A construção de silos de superfície¹ para armazenamento de volumosos está sendo uma alternativa para todos os criadores, pois toda palhada de milho é triturada e aproveitada. Desenvolvendo trabalhos coletivos, mas com a utilização de esterco proveniente da criação de aves, ovinos e bovinos em seus lotes individuais, a comunidade assegurou uma produção sustentável.

¹ O silo superfície consiste em um amontoado de forragem picada, compactada e coberto por lona plástica segura por terra.

O SECO ANO DE 2018

Houve uma perda das sementes crioulas pelo déficit hídrico na safra de 2018, em que grande parte das sementes cultivadas não se desenvolveu, perdendo-se, em alguns casos, 95% da produção. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) constatou a perda e, por conta disso, o município entrou no Programa do Governo do Estado Garantia-Safra.

Alguns assentados conseguiram produzir o feijão por terem seguido o calendário agrícola da região e esse tipo de cultura apresentar menor ciclo e exigência do que o milho. Desse modo, aproveitaram as poucas precipitações do ano, mas, mesmo assim, produziram bem abaixo do que o esperado para o município.

Para o ano de 2019, a colheita permitiu pouca reserva da produção que se destinaria para a semente. Com parcerias dos movimentos sociais MST e o Movimento Camponês Popular (MCP), o Governo do Estado de Sergipe destinou 30% do recurso para a compra de sementes crioulas dos agricultores familiares que serão adquiridas para o plantio de 2019.

“Agora temos nosso próprio trator para plantar na época correta. Fizemos tudo... e não choveu!” ASSENTADO MILTON PEREIRA

OS FRUTOS DA LIBERDADE

O conjunto de ações promovido pelo Projeto Dom Távora tem como objetivo fomentar a sustentabilidade ambiental e a geração de renda. Apoiou o desenvolvimento produtivo por meio de investimento em ovinocultura, implantação de palma forrageira, aquisição de um trator equipado e implementos agrícolas.

A conservação e o resgate das sementes crioulas no assentamento foram fortalecidos com a concretização do Projeto Dom Távora, em investimento em gestão de conhecimento tradicional.

COMUNIDADE EM AÇÃO INTEGRADA



Esse trabalho de sustentabilidade social e ambiental com as famílias assentadas vem sendo visto pelas comunidades e na zona urbana como trabalho de resgate das culturas do assentamento. Realizam a prática do plantio consorciado de diferentes culturas: milho com feijão, milho com melancia forrageira, milho com capim e feijão-de-corda com capim.

A renda bruta da família teve aumento mensal de R\$ 400,00 com as produções de: milho, feijão, melancia forrageira, capim e feijão-de-corda.

Cada família economizou na compra de sementes de milho, feijão, horas/máquina e implementos agrícolas no valor de R\$ 650,00 nos meses de abril a julho.

Isso porque o déficit de chuva na região causou perda na produção, sendo que, no próximo ano, a maioria das famílias já tem as sementes crioulas e horas/máquina para iniciar seu plantio de acordo o calendário agrícola.

As variedades das sementes existentes no assentamento, hoje, são: feijão carioca, feijão-de-corda, fradinho, feijão branco, milho taquaral, milho raio de sol, milho catingueiro, melancia forrageira e palma forrageira.

A comercialização vem, inicialmente, ocorrendo nas feiras livres dos municípios de Poço Verde e Tobias Barreto, no estado de Sergipe, e por meio de atravessadores.

Por intermédio da Campanha Nacional de Abastecimento (Conab), o governo mostra estar valorizando as sementes crioulas. O quilo de feijão alcança R\$ 12,50, enquanto o quilo de milho custa R\$ 8,67. A produção direcionada para a semente crioula é capaz de agregar renda, pois os preços de comercialização são mais elevados que os aplicados aos grãos. Isso porque há necessidade de beneficiamento e uso de técnicas no manejo da produção, que geralmente é feita pela família dos assentados.

SEMENTES DE CONHECIMENTO

O trabalho do resgate de sementes crioulas junto aos parceiros, assentados e Ater rendeu grandes conquistas para o Projeto de Assentamento e adjacências. Foi o cultivo de sementes crioulas que estimulou as famílias a reduzirem e até a eliminarem a aplicação de agrotóxicos no solo.

A Casa de Sementes também serve como garantia. Quando sofrem com problemas climáticos, como a falta de chuva, ou caso uma safra seja prejudicada, os assentados podem contar com as sementes estocadas para recuperar a produção.

A divisão do trabalho seguindo as tradições e a geração de renda justa nas famílias assentadas também foram ganhos do projeto.

A experiência em manter os saberes tradicionais e o patrimônio genético do assentamento da Reforma Agrária eliminou o uso do agrotóxico nos lotes, gerando um ganho ambiental e economia, por não se comprar mais insumos melhorados.



ESSA EXPERIÊNCIA FOI CONTADA E ESCRITA POR:

GILMARA FARIAS SANTANA

TÉCNICA EM AGROPECUÁRIA

Beneficiária do Projeto Dom Távora

gilmara.pv@hotmail.com

francisco.jose.dos.santos@hotmail.com



JOVENS DO FUNDO ROTATIVO

“Essa ovelha é minha!”

FUNDO ROTATIVO COMO ESTRATÉGIA DE EMPODERAMENTO FEMININO E JUVENIL EM ASSENTAMENTO NA PARAÍBA

por Francisco Jomário Pereira

Neste texto apresentaremos os resultados alcançados junto à Associação de Cooperação Agrícola dos Produtores Rurais do Assentamento Nova Esperança São Domingos I (Acaprane), localizada na cidade de Cubati, pertencente à microrregião do Seridó paraibano.



PROJETO

PROCASE – PARAÍBA

Com o projeto produtivo, buscou-se o melhoramento genético do rebanho de 16 famílias que praticam a agricultura familiar, como alternativa de renda.

Em termos sociais, focou-se no protagonismo de mulheres e jovens entre 15 e 29 anos.

Hoje, aferimos um aumento no número do rebanho, qualidade das crias, engajamento das mulheres no manejo dos animais e integração de jovens via fundo rotativo.

ANTECEDENTEMENTE...

O Assentamento Nova Esperança São Domingos I participou de projetos de fomentos ligados às atividades produtivas, como o P1+2 e P1MC, pela ASA¹; assim como a construção das casas e Projeto Brasil Sem Miséria (PBSM), pelo Incra.

A associação contou com um projeto de fundo rotativo solidário de confecção de tela e de galinhas. Esse fundo foi originado com um grupo de quinze pessoas; cada uma contribuía com R\$ 10,00 por mês e, assim, todo mês alguém era beneficiado.

Foi dessa experiência que surgiu a necessidade de criar o fundo com as ovelhas.

FAMÍLIA BENEFICIADA JUNTO À MOTOENCILADEIRA



AÇÕES NO SERIDÓ

O Semiárido apresenta alguns problemas sociais e econômicos ligados à falta de água provocada por longos períodos de estiagem. Essa escassez dificulta a criação e desenvolvimento de rebanhos e pastagem, algo que poderia fortalecer a economia local gerando renda e emprego.

Aliado ao fator climático, a falta de informações sobre tecnologias sociais para a criação de ovinos dificultava o desenvolvimento socioeconômico local.

Para diminuir essas dificuldades, o Governo do Estado da Paraíba, apoiado pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), criou o Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procase), que atende as demandas sociais e técnicas dessas regiões.

No ano de 2014 começou a divulgação do Procase e a realização de convites às associações já existentes na região, incluindo a Acaprane. No primeiro trimestre, ocorreram no Território do Seridó treze reuniões de sensibilização, envolvendo 25 parceiros. Buscou-se estimular as associações (entre elas a Acaprane) a construir propostas de projetos produtivos, para submeter a edital.

Ainda em 2014 iniciou-se a mobilização social, diagnosticando-se necessidades, traçando-se metas e ajudando as comunidades na criação dos projetos produtivos, que seriam apresentados ao Procase. As propostas tinham a finalidade de serem aprovadas para buscar apoio econômico e técnico. Firmados, os convênios apresentariam duração prevista para 24 meses.

¹ ASA: Articulação Semiárido Brasileiro.



Construído o projeto produtivo, traçadas as metas, convênio firmado, o projeto foi iniciado.

Primeira atividade realizada foi em torno da mobilização para a constituição da comissão de licitação, formada por membros associados, teve a finalidade de adquirir os equipamentos. O maior desafio nessa etapa foi preparar a equipe: os membros não tinham intimidade com processos burocráticos, mas, como resultado das capacitações feitas pelos técnicos do Procase, o processo foi rapidamente bem-sucedido.

As aquisições dos animais se iniciaram no primeiro trimestre de 2015. No mesmo período, adquiriram equipamentos para suporte forrageiro: três silos cinchos¹, uma ensiladeira² e uma enfardadeira³, somando o valor de R\$ 24.700,00.

¹ O silo cincho, de origem italiana, é um tipo de silo de superfície e rápido enchimento. De baixo custo de produção, apresenta baixo requerimento de máquinas e mão de obra. Sua indicação: preparo de silagem em pequenas e médias propriedades agrícolas, particularmente as de base familiar.

² Esse tipo de colheita é feito por máquinas (ensiladeiras) puxadas por um trator. As ensiladeiras cortam as plantas, picam e descarregam esse material em uma carreta também puxada por um trator.

³ Enfardadeira é uma máquina de uso agrícola que permitem recolher e enfardar o feno ou a forragem no campo, para posterior aproveitamento como alimento de animais em época de seca ou inverno.



Com investimento no valor de R\$ 30.000,00, dois reprodutores da raça Dorper e oitenta ovelhas matrizes sem padrão e raça definidas foram adquiridos no segundo trimestre de 2016. Como contrapartida, a associação havia executado no primeiro trimestre de 2016 a construção de dezesseis apriscos rústicos⁴. Apesar de a ação partir da associação, a construção dos apriscos foi uma ação particular que correu rapidamente, devido ao uso de materiais locais.

O Assentamento Nova Esperança São Domingos I foi beneficiado inicialmente com o aporte total de R\$ 54.700,00. Cada associado foi contemplado com quatro animais, além de dois reprodutores para as dezesseis famílias.

Tendo sucedido a entrega dos animais e equipamentos, o Procace diagnosticou e recomendou a contratação de assistência técnica visando o fortalecimento da associação. A contratação se deu a partir de visitas mensais do técnico de campo às propriedades e da realização de encontros coletivos, voltados à formação dos produtores e trabalhadores rurais no seguimento escolhido por eles. Esse processo ocorreu por meio de visitas técnicas individuais às propriedades, realizadas de novembro de 2017 a agosto de 2018.

⁴ Aprisco: construção rústica de madeira que tem por finalidade reprimir os animais para o trato, alimentação, tosa, vacinas, entre outras atividades. É construído geralmente pelos proprietários com recursos naturais locais, como forma de economia.

A partir da diagnose, o projeto organizou intercâmbios, palestras, oficinas e capacitações para os associados. Foram priorizados os dezesseis beneficiários diretos e seus familiares, jovens da comunidade que pretendiam fazer parte do fundo rotativo e demais integrantes da comunidade e associação. Assim, mais do que dezesseis pessoas foram beneficiadas direta ou indiretamente.

Os temas acordados coletivamente foram: “Produção de forragem e o uso do silo cincho”, “Manejo de Ovinos” e “Gestão da propriedade”. Com o intuito não só de ampliar a produtividade técnica e melhorar os indicadores socioeconômicos, garantindo a equidade e igualdade de gênero, incluiu-se também a capacitação: “Empoderamento da mulher no campo e nos espaços sociais”.

Por fim, com os animais distribuídos e a realização das capacitações, criou-se o Fundo Rotativo. Podemos conceituá-los como: “fundos destinados ao apoio a projetos associativos e comunitários de produção de bens e serviços e das necessidades básicas dos grupos envolvidos. Por meio dos Fundos Rotativos Solidários, investem-se recursos monetários ou não monetários – no nosso caso, os ovinos – na comunidade, por meio de apoio a projetos. Podendo ser devolutivos ou não, quando exige a devolução, os prazos de reembolsos são mais flexíveis e mais adaptados às condições das famílias.” (Cáritas Brasileira, 2018).

Foi reforçada em reunião com os beneficiários a necessidade de manter os animais até o fim do prazo estabelecido e cumprir a entrega das crias fêmeas ao fundo rotativo. Ficou acordado que os membros futuramente irão decidir em reunião o destino das matrizes – se serão vendidas, abatidas ou doadas em definitivo para os beneficiários. Vale ressaltar aqui que a posse dos animais cabe à associação; os beneficiários possuem apenas a concessão por prazo determinado.

“Vamos acentuar a questão de gênero. As mulheres que encabeçavam esta luta, mas os homens tinham a palavra final. Quando se falava de cabeça de animal, o homem chegava. Mas, na hora de discutir associativismo, sobrava a mulher”

ESCLARECE UM DOS MEMBROS DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA.

REESCREVENDO TRADIÇÕES

O projeto produtivo da Acaprane teve como finalidade o melhoramento genético do rebanho como estratégia de geração de renda. Alguns problemas foram enfrentados e contornados integral ou parcialmente, sempre respeitando a dinâmica do grupo atendido.

Com a chegada do projeto e da assessoria técnica, começou o trabalho de repensar as estratégias de convivência com a seca e manejo. Assim, houve capacitações, conversas e visitas individuais buscando gerar uma nova consciência no trato com os animais. Com a chegada do novo rebanho, praticamente dobrou o número de cabeças, aumentando a responsabilidade de cada família assentada.

O primeiro grande problema foi a resistência em adotar novas formas de criação e produção. As dezesseis famílias atendidas tinham um rebanho de, em média, cem animais e estavam habituados com a lida de forma tradicional, rústica. As cabeças soltas no pasto e sem condições de suplementação animal.

Acostumados a produzir dentro e para o núcleo familiar, foi preciso trabalho da assistência técnica para convencer muitas pessoas sobre as vantagens de compartilharem os equipamentos, adquiridos para todos os associados. A solução foi combinarem rodízios.

Com a entrega das máquinas para a produção de forragem, observou-se uma produção em torno de 4.400 quilos de forragem – que se encontra em estoque, já que os agricultores ainda aproveitam o pasto existente formado pelas últimas chuvas. Ressaltamos que, até então, o pasto era a única forma de alimentação possível, fazendo do uso do facheiro⁵ – a forma de alimentação durante a estiagem. Hoje, os beneficiários já sabem e podem contar com a maniçoba e o marmeleiro como fonte alimentar e nutricional.

Até novembro de 2018, já foram paridas 56 crias entre machos e fêmeas, seis vieram a óbito. Observa-se que a média de peso dos recém-paridos está em três quilos, padrão considerado adequado.

⁵ Pilosocereus pachycladus: cacto que pode chegar a 10 m de porte. O tronco e as ramificações têm coloração verde escura e são dotados de espinhos agudos e amarelados. Apresenta flores grandes e alvas, e seus frutos são comestíveis. A floração ocorre entre os meses de setembro e outubro, a frutificação é registrada em dezembro e janeiro, e sua reprodução pode ser feita por sementes ou por estacas do caule.



Dessas crias, até o momento já houve repasse de nove animais, consolidando a constituição do fundo rotativo, já previsto. Em novembro de 2018, três jovens já haviam sido contemplados. O fundo será composto entre jovens masculino/feminino, em um total de dezesseis beneficiários em idade inicial de 16 anos. Cada beneficiário/a receberá três animais, totalizando 48 animais repassados até março de 2019, podendo e devendo continuar a rotatividade após a conclusão da primeira entrega.

Espera-se que esses jovens passem a integrar a associação, ocorrendo assim o que se buscava inicialmente: o protagonismo juvenil.

“Os borreguinhas e carneirinhos nascem com as características da mãe, mas com o porte do pai¹: maiores, mais carnudos, mais bonitos, muito mais bonitos”

ESCLARECE SARA MARIA CONSTÂNCIO,
PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO, BENEFICIÁRIA

¹ Reprodutores da raça Dorper.



JOVENS DO FUNDO ROTATIVO

Queremos ressaltar que observamos o protagonismo feminino, por encamparem o projeto: dos dezesseis beneficiários diretos, apenas três são homens. A associação tem seus cargos de presidência, secretária e tesouraria ocupadas por mulheres.

A maior dificuldade encontrada para a realização dos cursos, em especial o de gênero, foi a resistência dos homens envolvidos no projeto, ainda impera a lógica de que a mulher não trabalha, ela apenas “ajuda” o seu companheiro. Seu trabalho doméstico não é contabilizado. É visto como obrigação por parte da esposa.

A resistência por parte dos homens foi (está) sendo lentamente rompida com a insistência dos técnicos envolvidos e com a forte presença e ajuda da presidente da associação, Sara Maria Constância, mulher forte, determinada. Apaixonada pelo que faz, exerce uma liderança digna de registro, inspirando as/os jovens.

REPENSANDO SABERES

Concluimos que o projeto produtivo da Acaprane, na cidade de Cubati, na Paraíba, inova em adotar um fundo rotativo direcionado para os jovens daquela comunidade.

“Foi difícil, mas superamos com a formação deste grupo de jovens – dos principais objetivos. Foi alcançado. Trabalhamos com todos os jovens, mas o grupo reuniu oito, mais mulheres. O próximo passo é ligar todos eles à associação, juntamente com a Assistência Técnica. Pois todos são parentes: filhos, netos ou sobrinhos de membros.”

Incorporando os jovens às atividades e os incentivando à participação, o projeto contribui para a inserção social das minorias, adaptando às necessidades atuais a cultura específica da comunidade junto com a família de cada beneficiária/o assistida/o. O envolvimento dos jovens em atividades produtivas e sua filiação à associação contribuem de maneira positiva para conter o êxodo rural.

A intervenção altera gradativamente as relações em casa e dentro da comunidade. Geralmente, a figura do pai representa o responsável pela subsistência da família, o provedor dono do rebanho e das terras. Focando nos jovens, percebemos a criação e reforço dos laços com o rural, ao tempo que permite vislumbrar uma futura autonomia financeira. O fundo inova ao dar responsabilidades aos jovens, mostrando que o mesmo é digno de confiança e capaz de gerir seu próprio empreendimento.



FAZENDO O HOJE E PLANEJANDO O AMANHÃ

Intensificar a assessoria técnica em torno do melhoramento genético e buscar novos reprodutores, evitando cruzamento genético no rebanho.

Incentivar o uso da flora local, fortalecendo a perspectiva de, com ela, produzir forragem. Consegue-se, assim, contribuir para a conscientização e sustentabilidade do meio ambiente.

Ficando a cargo da assistência técnica buscar estratégias para furar a resistência existente entre os produtores, esse fator deverá se consolidar com a recém-implantação do Sistema Agroflorestal – SAF na comunidade.

Quanto ao fundo rotativo, deve-se ter a perspectiva de garantir sua continuidade após a distribuição das crias entre os dezesseis jovens.



ESSA EXPERIÊNCIA FOI CONTADA E ESCRITA POR:
FRANCISCO JOMÁRIO PEREIRA
CIENTISTA SOCIAL
Apoio Técnico Procace–PB
jomariocp@gmail.com | procaseiicapb@gmail.com



Divisão justa de trabalho e geração de renda

“EU PENSAVA QUE O SISTEMA DE REÚSO DE ÁGUA CINZA SERVIA APENAS PARA REAPROVEITAR PRAS PLANTAS, MAS DESCOBRI QUE DÁ PRA GANHAR ATÉ DINHEIRO, POIS MEU FILHO PASSOU A VENDER HÚMUS E MINHOCAS.” (DONA LUCIVALDA, MÃE DE GINO)

por Priscila Alves de Holanda

Um conjunto de quatro diferentes tecnologias sociais foram implementadas em uma unidade de produção familiar. Com impactos positivos para a produção de alimentos, hoje diversificada, e para a soberania alimentar e nutricional, gerou ainda aumento de renda. Redesenhada a organização tanto familiar quanto social, os beneficiários estão contentes com a divisão justa do trabalho em casa e a inclusão social na comunidade.



PROJETO
PAULO FREIRE

PROJETO

PAULO FREIRE – CEARÁ

Este artigo apresentará a experiência da família Barroso, residente da comunidade Trapiá, do município Massapê, estado do Ceará. A partir da assessoria técnica do Projeto Paulo Freire, a intervenção conta com o financiamento do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida), em parceria com a Secretaria Estadual de Desenvolvimento Agrário (Seda). Executado desde ano de 2015 pelo Centro de Estudos do Trabalho e de Assessoria ao Trabalhador (Cetra), o conjunto de ações tem previsão de encerramento para 2019.

As ações visavam, inicialmente, contribuir para a qualidade do padrão alimentar, assim como aumentar a capacidade de superar as dificuldades de conviver com o Semiárido.

Os resultados foram além.

A família Barroso é formada pelo senhor Assis, dona Lucivalda e seus filhos, Gino, Jucivan e Gisele. Há muito tempo, são ativos na associação local e conhecidos na comunidade pelo envolvimento de todos os membros nas atividades produtivas na terra. Típica do clima do Semiárido nordestino, esta região do estado do Ceará enfrenta longos períodos de estiagem e altíssimos índices de evaporação.

A partir da assessoria técnica, percebeu-se que as famílias em geral sofrem impactos negativos com as questões climáticas, as quais resultam na limitação da produção de alimentos e da criação de animais e geração de renda, deixando as famílias com dependência em consumir insumos de fora da propriedade.

O processo de organização social dos Barroso contribuiu para que sua família fosse sucessivamente beneficiada por tecnologias sociais.

Já no ano de 2005, foram contemplados com uma cisterna de 1ª água¹, por meio do Programa Um milhão de Cisternas (P1MC). Em 2009, o Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2) implantou a cisterna de 2ª água². As duas cisternas contribuíram para a convivência com o semiárido, resultan-

¹ Cisterna de 1ª água: Um reservatório, construído com placas de concreto, para captação de água das chuvas, por meio de calhas instaladas nas beiradas da casa. Esse reservatório tem capacidade para armazenar 16 mil litros de água para beber e cozinhar. Fonte: <http://www.asabrasil.org.br/acoes/p1mc>

² Cisterna de 2ª água: Um reservatório, construído com placas de concreto, para captação de água das chuvas, através de calçadões, ou em anéis construídos em terrenos com declives. Esse reservatório tem capacidade para armazenar 52 mil litros de água, destinado para produção de alimentos e consumo para os animais. Fonte: http://www.asabrasil.org.br/acoes/p1-2#categoria_img

do na disponibilidade de água de chuva para o consumo humano e doméstico, como para a produção de alimentos.

A terceira tecnologia social veio no ano de 2015, por meio da SDA e do Projeto Paulo Freire. Um sistema de reúso de água cinza³ foi instalado e, para atender as necessidades hidráulicas do reúso, a família levantou uma nova casa de alvenaria.

Por fim, um biodigestor⁴ foi construído em 2018, através do Bento505. O equipamento se encontra ligado ao sistema hidráulico do reúso.

O quintal tem um tamanho de 100 m². Nesse espaço eram desperdiçados em média trezentos litros de água por dia, expostos a céu aberto, afetando inclusive a saúde das aves e dos animais. Assim, o sistema de reúso de água possibilitou o aproveitamento de 100% dessa água, totalizando um consumo de 109.500 litros de água por ano.

Com o reúso de água cinza, uma água que seria desperdiçada está sendo conduzida por um filtro biológico e passa a irrigar a produção de alimentos diversificados no quintal.

³ Sistema de reúso de água cinza: Tecnologia social de reaproveitamento das águas cinzas do uso doméstico (lavagem de roupa, de louça, banho e outros). O tratamento se faz com um filtro biológico, para que esta água seja destinada para cultivos para produção de alimentos. https://www.projeto-domholder.gov.br/site/images/PDHC/Artigos_e_Publicacoes/Bioagua/Bioagua_Familiar.pdf

⁴ Biodigestor: tecnologia simples e prática para aproveitar restos orgânicos, dejetos de animais e para a produção de gás. https://www.projeto-domholder.gov.br/site/images/PDHC/Artigos_e_Publicacoes/Biodigestor/Biodigestor_Portugues.pdf

⁵ Bento50: empresa de consultoria de energia limpa e renovável. http://bento50.se/?page_id=303



BIODIGESTOR E DIVERSAS TECNOLOGIAS SOCIAIS

“A construção desta casa não estava nem nos nossos planos. Vocês lembram que antes do projeto a gente morava na casa de taipa? Aí, a gente conseguiu economizar com a venda dos nossos produtos: alguns animais que Assis vendeu. A nossa economia – por não precisar mais comprar gás – deu para juntar tudo e construir e, hoje, já estamos morando nela.” DONA LUCIVALDA

Essa água, abundante e saudável, possibilitou a ampliação de canteiros para o cultivo de hortaliças. Como resultado, existe produção de alimentos praticamente em todos os meses do ano para o consumo familiar, além do suporte forrageiro para os animais.

Após as implantações das tecnologias sociais, foi possível observar a diversificação das culturas. Hoje o pomar da família apresenta pés de mamão, acerola, goiaba, amora, romã, graviola, maracujá, limão, banana, coco, sapoti, caju, manga e ata.

A horta exhibe tomate, cebolinha, couve, pimentão e coentro.

Para a criação de bovinos, suínos, ovinos e aves, dispõem-se, agora, de capim, cana, palma, gliricídia, leucena.

Dois resultados inesperados contribuíram ainda para a economia da família: a produção de húmus de minhoca e a melhoria na saúde das galinhas, que já não ciscam pela água cinza.

O biodigestor ainda reservava duas boas surpresas:

O gás metano – produzido a partir do processo de fermentação anaeróbica de dejetos bovinos e água – é o mesmo do gás de botijão. Ademais, a produção do gás gera biofertilizante, denominado de chorume, rica fonte de nutrientes para as plantas no quintal do reuso.



CASA DE ALVENARIA DA FAMÍLIA BARROSO

“Um projeto como esse, vamos dar valor, agradecer. É importante cultivar do que a gente recebe; melhorou a nossa vida. Meu filho não tinha quase trabalho, e hoje chega gente querendo comprar minhocas e húmus.”

DONA LUCIVALDA

CACIMBA E WHATSAPP

Fatores geográficos e ambientais igualmente influenciam a produtividade. A terra com disponibilidade para se trabalhar é cedida pelo tio. Proporciona acesso ao rio, este preservado por mata ciliar nativa, que garante água entre os meses de janeiro a junho. Como impacto negativo: no período de chuvas muito intensas, o nível do rio aumenta, inundando grande parte do quintal. Por outro lado, possibilita o acesso à água o ano todo, por meio de cacimbas, estas utilizadas para o cultivo de plantas.

O solo, por ser argiloso, contribui para ambos os fatores.

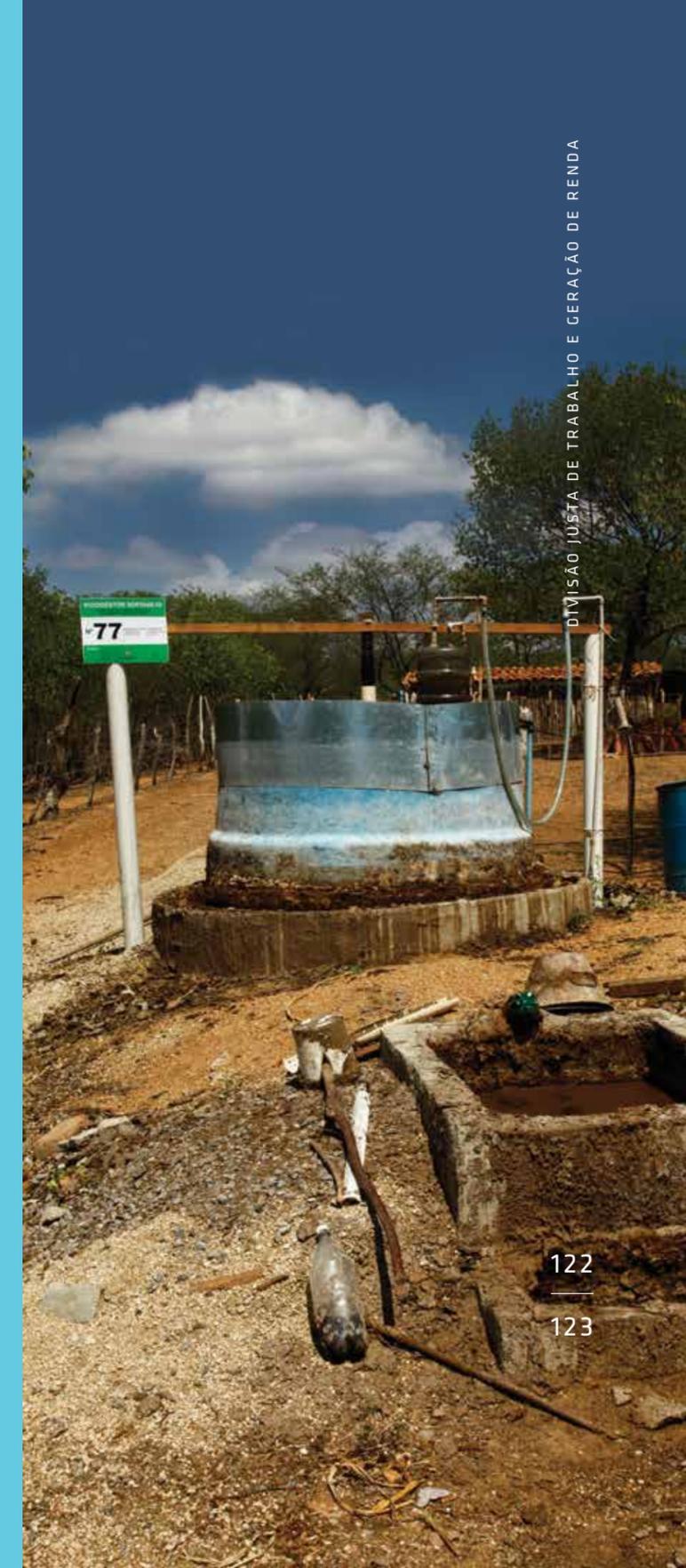
Nesse cenário, percebeu-se que a escassez de chuvas e elevadas temperaturas poderiam ser amenizadas com a implementações de tecnologias sociais. De baixo custo e fácil gerenciamento, essas melhorias vêm para impactar de forma positiva o desenvolvimento da unidade de produção familiar.

Ainda assim, o diferencial que se destaca neste artigo é a divisão de trabalho realizado pela família Barroso – a autonomia da mulher, o interesse e gerenciamento para funcionamento de cada tecnologia. As responsabilidades atribuídas para os membros da casa – tanto individuais quanto coletivas – resultaram na diversidade e soberania alimentar, geração de renda para família, em particular para o jovem agricultor.

A assistência técnica complementou os impactos ambientais, resultando na melhoria da vida. Com apoio dela, conseguiram aperfeiçoar o gerenciamento de tempo, dando visibilidade e mostrando a necessidade de valorizar o trabalho da mulher e dos jovens.

Foi verificado que, antes da implantação das tecnologias sociais, existia uma quantidade reduzida de plantas no quintal. Um pé de acerola, um pé de coqueiro, ateira, mangueira, goiabeira e um canteiro.

Só era possível produzir algumas culturas no período das chuvas. A família consumia milho, feijão, melancia, jerimum, melão e pepino no período da safra (de março a agosto). O milho e feijão normalmente eram estocados e consumidos durante o ano. Toda produção era direcionada para o consumo, pois não havia excedente.





SISTEMA DE REUSO

A família já desenvolvia atividades de criação de aves, ovinos, suínos, bovinos, como prioridade o consumo familiar. Comercializam produtos na própria comunidade, tais como o leite, mamão, ovinos e bovinos.

Diante disso, os Barroso tinham que comprar insumos externos, e inserindo na compra frutas, verduras e forragem para os animais. A cada dois meses a família também tinha que desembolsar um valor de R\$ 70,00 para aquisição de um botijão de gás. Associado a isso, havia um desgaste físico com a quebra de lenha, pois para que o botijão tivesse mais tempo de duração, se fazia necessário o uso do fogão a lenha.

Hoje, a produção da unidade familiar é destinada para o consumo, sendo o excesso comercializado. Essa venda acontece na própria comunidade, afirma dona Lucivalda, que utiliza o aplicativo do WhatsApp como ferramenta para vender seus produtos. Segundo ela, sem ter dificuldade.

Com base na produção de alimentos e na criação de animais, segue o que é comercializado, em média, pela família em um ano.

Tabela 1: Produção comercializada

PRODUTO	UNIDADE	VENDA ANUAL	VALOR UNITÁRIO (R\$)	VALOR TOTAL (R\$)
Mamão	kg	384	1,90	729,60
Goiaba	kg	48	2,00	95,00
Acerola	kg	240	1,50	360,00
Leite	litro	144	2,00	288,00
Porco	Unidade	10	120,00	1.200,00
Ovelha	Unidade	4	200,00	800,00
Bovinos	Unidade	3	1.500,00	4.500,00
Aves	Unidade	12	30,00	360,00
Minhocas	kg	3	50,00	150,00
Húmos	kg	300	2,50	750,00
VALOR TOTAL DA RENDA BRUTA ANUAL				R\$ 9.233,00



“Basta divulgar o produtos nos grupos da comunidade, que a venda é imediata. Uso desde que a tecnologia apareceu por aqui.”

DONA LUCIVALDA

A tabela a seguir mostra a quantidade de alimentos que vêm sendo consumidos pela família a partir da implementação do reuso de água cinza em quintal. Por estes alimentos não estarem sendo adquiridos no mercado, torna-se necessário traduzir essa produção em termos monetários.

Tabela 2: Produção consumida

PRODUTO	UNIDADE	VALOR UNITÁRIO	CONSUMO ANUAL	VALOR TOTAL (R\$)
Mamão	Kg	1,90	500	950,00
Goiaba	Kg	2,00	25	50,00
Acerola	Kg	1,50	60	90,00
Banana	Unidade	0,40	60	24,00
Caju	Kg	2,00	20	40,00
Manga	Kg	2,50	24	60,00
Ata	Kg	4,00	24	96,00
Tomate	Kg	3,00	72	216,00
Cheiro-verde	Molho	0,50	360	180,00
Pimentão	Unidade	0,50	240	120,00
Milho	Kg	1,00	2.000	2.000,00
Feijão	Kg	3,00	250	750,00
Melancia	Unidade	2,00	200	400,00
Jerimum	Unidade	3,00	200	600,00
Galinha	Unidade	30,00	30	900,00
Ovos	Unidade	0,70	500	350,00
Ovelha	Unidade	200,00	1	200,00
Leite	Litros	2,00	365	730,00
Gás	Unidade	80,00	6	480,00
VALOR TOTAL DO CONSUMO				8.236,00

“O Projeto Paulo Freire é diferente, a gente recebe e não paga, e vai ficar para sempre.”

DONA LUCIVALDA



É possível observar que a comercialização anual teve um resultado de R\$ 9.233,60 na unidade familiar, que corresponde um incremento de renda de R\$ 769,47 por mês. Antes, a renda familiar era em torno de R\$ 400,00/mês. Ao mesmo tempo, o valor bruto dos alimentos consumidos anualmente foi de R\$ 8.236,00 (R\$ 686,33/mês) a partir das tecnologias sociais.

Sendo a produção baseada na agroecologia – que descarta qualquer tipo de produto químico sintético – temos um extra a contribuir para melhoria da qualidade de vida da família.

RECONHECIMENTO X 500:

Essa experiência se destacou pelo grande diferencial do cotidiano desta família. No dia a dia, Dona Lucivalda e Seu Assis dividem as tarefas com os filhos. Seu Assis quase sempre prepara o almoço com dona Lucivalda, e a manutenção das tecnologias fica sob a responsabilidade de Gino e toda sua família.

A cumplicidade de todos eles é muito linda, juntos fazem a colheita, a comercialização e a gerência do recurso da venda. E assim, quando se reúnem para se alimentar, dão real valor ao que vem do quintal. Reconhecem o quanto é importante ser dono do próprio negócio, o quanto o sistema de reuso de águas cinzas e biodigestor melhoraram a vivência deles, na produção de alimentos saudáveis e na geração de renda.

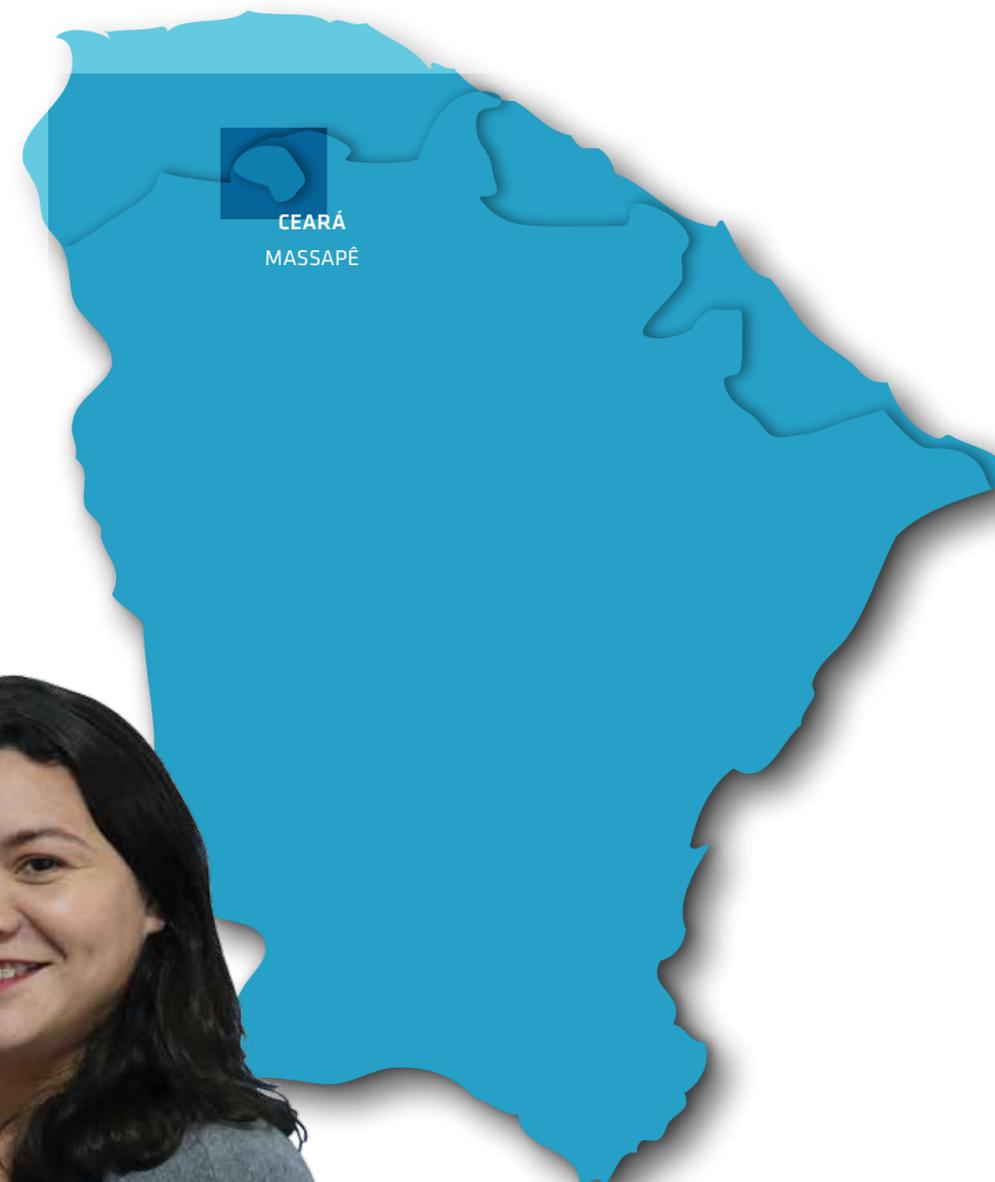
As lições – como de se esperar – foram aprendidas e construídas juntas.

Alimentação produzida com a mão de obra familiar, com práticas agroecológicas, garante uma alimentação diversificada o ano todo, resultando em mais saúde, autonomia e soberania alimentar.

Renda: Toda a produção do quintal tem como prioridade o consumo familiar, o que automaticamente resulta em economia. Cresceu, principalmente a renda não monetária, pois a família deixou de consumir produtos de fora. Tendo crescido a produção, criam agora excedente – este, sim, para venda.

As tecnologias implantadas possibilitaram melhor convivência com o Semiárido. Localizados uma região cujo o clima é bastante quente, vivenciam experiências de superação, pois atualmente conseguem produzir no quintal o ano todo, por ter água disponível e mão de obra familiar.

Em relação à replicabilidade, serão construídas em torno de quinhentas de cada tecnologia desta, nas unidades de outras famílias, através do Plano de Investimento Produtivo.



“A gente se sente feliz, porque a melhoria da vida da gente é bom demais, e eu só trabalho pra mim mesmo” SEU ASSIS

ESSA EXPERIÊNCIA FOI CONTADA E ESCRITA POR:

PRISCILA ALVES DE HOLANDA

ASSISTENTE SOCIAL

Tec. Em Agropecuária

Assessora Técnica/ONG CETRA – Projeto Paulo Freire

priscila@cetra.org.br



TRABALHO NO VIVEIRO DE MUDAS

Lucros ao invés de dívidas

DIVERSIDADE AGROECOLÓGICA NO SEMIÁRIDO PARAIBANO: AS PRÁTICAS SUSTENTÁVEIS NO ASSENTAMENTO RIACHO DO SANGUE

por Samantha Pollyana Messiades Pimentel

O Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procasa) trouxe segurança alimentar para o assentamento com a implementação de campo de palma forrageira resistente à cochonilha e diversas tecnologias sociais para a segurança hídrica da área. Práticas agroecológicas permitem que a comunidade possa maximizar as potencialidades do local.



PROJETO

PROCASE – PARAÍBA

Na região do Curimataú paraibano, município de Barra de Santa Rosa, mais precisamente no assentamento Riacho do Sangue, doze famílias de agricultores/as familiares desenvolvem uma experiência de diversidade agroecológica. Lá, além do fortalecimento do rebanho caprino leiteiro há práticas de viveiricultura, produção de forragem e implantação de um Sistema Agroflorestal (SAF). Neste artigo apresentaremos alguns dos resultados já alcançados pelo projeto, bem como uma análise expondo os objetivos, problemas e contexto em que as ações estão inseridas para, por fim, expor as lições que podem ser extraídas dessa experiência.



ÁREA DE IMPLANTAÇÃO DO SAF (MOSTRANDO A DIFERENÇA DO SOLO IRRIGADO E COM COBERTURA VEGETAL)

O INÍCIO

Buscar uma alternativa produtiva inserida no contexto da convivência com o Semiárido, incluindo os pilares da sustentabilidade, esse é o objetivo do projeto produtivo que vem sendo desenvolvido na comunidade Riacho do Sangue – A iniciativa conta com o apoio do Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida) e Governo do Estado da Paraíba, por meio do Procase.

As ações do Procase perpassam 56 municípios localizados no Semiárido do estado, distribuídos em cinco territórios distintos, onde são encontrados baixos índices de desenvolvimento econômico e social, além de ser uma localidade com grandes períodos de estiagem.

Em 2014, a comunidade submeteu uma proposta ao edital lançado pelo Procase, orientados por articulações políticas no município que auxiliaram a Associação Comunitária dos Agricultores Familiares do Imóvel Riacho do Sangue a pensar o esboço do projeto produtivo.

Por intermédio das ações do Procase houve a melhoria da capacidade de produção de forragem com implantação de um campo irrigado de palma e compra de maquinário, sendo uma ensiladeira, um misturador de ração, formas de silos cinchos. Além da aquisição de equipamentos para instalação eletromecânica para captação de água do poço.

Também houve a implantação de um viveiro de mudas com o objetivo de potencializar o reflorestamento e conservação de mananciais, acarretando a redução da degradação ambiental do bioma caatinga. A implantação de um Sistema Agroflorestal (SAF) visa também a defesa ambiental, com a vantagem adicional de possibilitar o suporte forrageiro na comunidade, abrindo a possibilidade do uso de outras culturas além da palma para a alimentação do rebanho.

A implantação do viveiro de mudas, além de ter o objetivo de servir às atividades produtivas da comunidade, também trouxe uma nova possibilidade de geração de renda, com a comercialização dessas mudas. Outra meta, que integra o plano de trabalho do projeto produtivo apoiado pelo Procase junto à comunidade de Riacho do Sangue, é a construção de um galpão para armazenamento de ração e dos equipamentos. O galpão abriga uma cisterna de placa, aproveitando a cobertura da construção para auxiliar no suporte hídrico para a atividade da caprinocultura. Como última meta, foram adquiridos os animais: matrizes e reprodutores caprinos, com o objetivo de melhorar geneticamente o rebanho local.



MUDAS PARA MUDANÇAS

O Procase vem implantando em seu território de atuação trinta sistemas agroflorestais, associados a áreas coletivas que variam em dimensões de até 0,5 ha. É esperado o plantio de 20 mil mudas, que devem sequestrar aproximadamente 480 toneladas de carbono. Espera-se que 345 pessoas sejam beneficiadas, entre elas 112 mulheres (32,46%).



Durante esse processo de atuação do Procase junto à comunidade, um dos desafios encontrados foi quanto aos cuidados na limpeza das instalações onde se encontram os animais e ao uso de vermífugos para evitar doenças no rebanho. Em razão disso, quando foram iniciados os trabalhos de Assistência Técnica (Ater) na comunidade, iniciaram-se ações de conscientização nesse sentido.

O acompanhamento de uma equipe de Ater chegou à comunidade em meados de 2017.

O serviço foi realizado pela Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos da Reforma Agrária da Paraíba LTDA (Cooptera), que visa acompanhar intensamente o desenvolvimento da atividade produtiva, com visitas individuais e atividades coletivas com os produtores.

Para iniciar os trabalhos de Ater, a equipe responsável por acompanhar cada comunidade construiu um Plano de Desenvolvimento do Empreendimento (PDE) em conjunto com os beneficiários e beneficiárias.

Um dos avanços já alcançados por essas ações de ATER foi a melhoria do manejo sanitário e da nutrição dos animais (caprinos), com o aumento da segurança alimentar dos rebanhos, o que trouxe ainda o aumento da produção de leite.

Também foi realizado pelas equipes de ATER um processo de conscientização quanto ao desmatamento, à presença de lixo mesmo com coleta pública, à caça predatória e à presença de queimadas. Para minimizar essas ações humanas foi elaborado um calendário de sensibilização e orientação dos cuidados com os recursos naturais.

A comunidade Riacho do Sangue recebeu também uma série de capacitações com vistas a potencializar o desenvolvimento do projeto produtivo, entre elas: Produção de Mudanças; Gênero e Organização Social; Tecnologia de Reuso de Água; Produção e Armazenamento de Forragens; Estudo de Viabilidade Econômica do Empreendimento; Produção de Silagem com Vegetação Nativa e Aspectos para sua Conservação, entre outras.

O projeto hoje se encaminha para a fase de prestação de contas, tendo a aplicação de suas metas concluídas, num total de R\$ 88.618,75 em investimentos. Contudo, os serviços de Assistência Técnica irão prosseguir até meados de 2019, dando suporte para o melhor desenvolvimento de todas as ações implementadas, potencializando a diversidade agroecológica e as práticas sustentáveis no local.

REGISTRO DO DIA DA ENTREGA DE ANIMAIS NA COMUNIDADE RIACHO DO SANGUE.

A VIRADA

O Assentamento Riacho do Sangue surge por volta do ano de 2008, quando as famílias que estavam acampadas no local ganham a posse da terra. Nesse período, houve ações e acompanhamento de assistência técnica por meio do Incra, em que a comunidade foi beneficiada com um campo de produção de palma forrageira, que atende toda a população assentada. Quando do início das ações do Procasa, foi implantado um outro campo de palma forrageira resistente à cochonilha do carmim, que atende as doze famílias beneficiadas pelo projeto produtivo.

Como um dos resultados do Projeto, os agricultores e agricultoras do local têm, hoje, uma maior segurança alimentar para o rebanho, com a garantia da forragem para os animais. Já começam inclusive multiplicar esse cultivo de palma – que está em um campo de produção coletiva – para que cada produtor possa ter um pequeno cultivo em suas propriedades particulares. Os agricultores e agricultoras também já realizam doações de raquetes a outras comunidades da região.

A melhoria da segurança alimentar do rebanho também só foi possível através do aumento da segurança hídrica da comunidade, com a implantação de sistema para captação de água de um poço já existente no local. Ainda contribuíram para a construção da cisterna de placa, com capacidade para 20 mil litros de água e a implantação do kit de irrigação. O kit vem facilitando o trabalho dos agricultores e agricultoras do local, além de garantir maior aproveitamento da água disponível, por usar o sistema de gotejamento.

Esse uso racional da água, aliado a outras práticas agroecológicas, permitem que a comunidade de Riacho do Sangue possa maximizar as potencialidades do local com poucos recursos e em contexto semiárido, desenvolvendo práticas sustentáveis. Garantem, assim, a segurança alimentar e nutricional tanto para o rebanho caprino, como também para as próprias famílias que residem no local e que podem retirar dele sua subsistência e seu sustento.



SISTEMAS AGROFLORESTAIS (SAF)

Trata-se de um modelo de produção agropecuária onde são combinadas espécies frutíferas ou madeiras com cultivos agrícolas e/ou criação de animais, de forma simultânea ou em sequência temporal, o que promove benefícios econômicos e ecológicos.

Os benefícios desse modelo de produção estão diretamente ligados à conservação dos recursos naturais e à convivência com o Semiárido. Uma das premissas é a proteção do solo com matéria orgânica, o que garante a fertilidade e disponibilidade dos nutrientes, bem como a manutenção da humidade do solo, reduzindo o gasto de água, recurso muito precioso na região.

Dentro de uma visão ampla, a implantação de sistemas agroflorestais permite o aumento de produtividade animal por bem-estar (sombra) e qualidade nutricional das pastagens. Favorece a biodiversidade de forma geral, devido à formação de corredores ecológicos, incluindo a disponibilidade de agentes polinizadores. Tudo isso auxilia para que possamos mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

Do ponto de vista socioeconômico, o sistema agroflorestal permite uma redução drástica do uso de insumos e defensivos agrícolas – principais custos de produção – pois as relações ecológicas harmônicas que geram reduzem o surgimento de pragas e carências nutricionais. Ganha o produtor que, além de ter menores despesas, consegue agregar maior valor aos seus produtos.

As mudanças são percebidas logo após a implantação. A diversidade de culturas que se aplica em um mesmo espaço é maior, auxiliando na segurança alimentar e na diversificação de produtos comercializados.

Os tratos culturais demandados estimulam a coletividade, pois o cuidado com cada tipo de cultura demanda a experiência de um ou outro agricultor, mais familiarizado com esta ou aquela planta. A troca de experiência entre gerações também é percebida: os mais velhos transmitem o conhecimento aos jovens ao demonstrarem como se “cuida da roça”, e estes os ajudam com inovações, muitas vezes absorvidas pelos materiais informativos da internet.

Assim, o Procasa vem auxiliando numa mudança de paradigma quanto ao modo de cultivar e de conviver com o meio ambiente que nos cerca, deixando de lado o modelo simplista de produção – e diminuindo o monocultivo e o uso de defensivos. Investe em um modelo complexo – onde se fomenta a produção em consórcio e os organismos considerados praga são, na verdade, agentes, contínuos de transformação.

Hoje, com o SAF, a comunidade possui cultivos de sorgo, capim, palma, macaxeira, maniçoba, jerimum, melancia, pinha, romã, graviola, goiaba, laranja, manga, caju, moringa (planta forrageira importante pela quantidade de proteína e cálcio), gliricídia, ipê-roxo (também conhecido como pau-d'arco), aroeira, catingueira e umburana.

Tudo isso vem sendo cultivado em consórcio com a palma forrageira já presente na comunidade. Outras culturas ainda devem ser implementadas no período de chuvas na região, por demandarem bastante água.

O SAF foi recentemente implantado no local e as plantações ainda estão em fase de crescimento. Observa-se que essa diversidade de culturas hoje presentes na comunidade, além de trazer melhorias ambientais, também se apresenta como uma nova possibilidade de melhoria de renda para essas famílias.

Isso tanto em razão da possibilidade de venda dos produtos excedentes em mercados e feiras da região, como também pela diminuição da compra de alimentos, uma vez que grande parte destes passarão a ser produzidos pelos agricultores e agricultoras do assentamento. As atividades produtivas nas áreas de caprinocultura leiteira e viveiricultura oferecem uma complementação extra de rendas.



VIVEIRO DE MUDAS

AUMENTO NA PRODUÇÃO LEITEIRA

Antes das ações do Procace, os produtores do local – ao invés de lucros – acumulavam dívidas, em razão das despesas que possuíam para a manutenção de seus rebanhos. A média de produção diária era de dez litros de leite caprino, com cerca de vinte matrizes num plantel, o que mal garantia o consumo familiar. Hoje, após a aquisição de 48 matrizes e três reprodutores caprinos PO da raça Parda Alpina, houve a melhoria genética do rebanho, e a produção subiu para 65 litros diários, abrindo a possibilidade de comercialização do leite, bem como o seu beneficiamento.

Porém, apesar da grande produção leiteira, pouco se comercializa o leite, a não ser por algumas iniciativas individuais de cada produtor. Isso se deve a uma série de fatores, que envolvem a organização da associação. Nesse sentido, há dificuldade de, enquanto grupo, organizar eventos próprios ou mesmo se integrar em feiras promovidas na região.

Além disso, muitas pessoas ainda possuem o preconceito quanto ao consumo de leite de cabra, por causa do cheiro e do gosto. Se não houver o devido manejo acabam por adquirir aspectos advindos do reprodutor, pai de chiqueiro, como se costuma chamar.

A comunidade pretende realizar o beneficiamento do leite de cabra por meio da produção de queijos, iogurtes e doces, aumentando as possibilidades de geração de renda das famílias. Fica o dilema dessa dificuldade de mercado local, pois os moradores do interior têm preconceito com o consumo desses produtos derivados do leite caprino. Em razão, disso as técnicas de manejo sanitário são também importantes para garantir a qualidade do leite, auxiliando na quebra do preconceito existente.

Os produtores comercializam hoje, em média, 40 litros diários de leite bruto, uma vez que o restante é destinado ao consumo familiar. Tomando como base que a venda do litro do leite é praticada a R\$ 1,99, é possível estimar o potencial de receita bruta desses produtores em R\$ 79,60 diários. Isso representa o valor de R\$ 2.388,00 ao mês.

Também o viveiro de mudas, construído como objetivo de produzir mudas para as atividades produtivas da comunidade, surgiu uma outra oportunidade: a de geração de renda pela atividade da viveiricultura. A empresa Florest, responsável pela implantação dos SAFs na área de atuação do Procace, contratou os produtores do Riacho do Sangue. A empresa adquiriu quatro mil mudas da comunidade, ao valor de R\$ 1,25. Esse recurso adicional de R\$ 5.000,00 para os produtores pode auxiliar na caprinocultura ou motivar uma nova atividade produtiva, no caso, a expansão da viveiricultura.



BANCO DE SEMENTES

O EXEMPLO

A comunidade Riacho do Sangue representa, hoje, um grande exemplo do que se objetiva com os investimentos que são feitos pelo Procasa junto às associações e cooperativas beneficiárias. Com as ações implementadas no local, a assistência técnica e a própria dedicação dos beneficiários e beneficiárias, criou-se um ambiente de sustentabilidade e grande diversidade agroecológica.

A comunidade, hoje, realiza diversas atividades produtivas, de forma agroecológica e sustentável. Os equipamentos, recursos e assessoramento técnico oferecidos pelo Projeto, aliados ao interesse e organização da própria comunidade – que trabalha para alavancar o projeto produtivo – garantem hoje a sustentabilidade dessas ações quando da finalização das atividades do Projeto.

Presente em um contexto de Semiárido, numa região onde há grande escassez de água, dificuldade de acesso a políticas públicas e outros recursos, a comunidade de Riacho do Sangue prova que é possível ter uma boa qualidade de vida, produzindo de forma diversificada, sustentável e agroecológica, além de gerar renda para as famílias.



ESSA EXPERIÊNCIA FOI CONTADA E ESCRITA POR:
SAMANTHA POLLYANA MESSIADES PIMENTEL

JORNALISTA

Consultora em Assessoria de Comunicação

Contato pessoal: samanthapimentel@hotmail.com

e-mail da instituição: comunicacaoprocaspb@gmail.com



Amor Jardim em busca de autonomia social e econômica

*FORTALECIMENTO DE QUINTAIS
PRODUTIVOS A PARTIR DA CRIAÇÃO DE
GALINHA CAPIRA NO SERTÃO PIAUIENSE*

por Sarah Luiza de Souza Moreira

Em 2017, a Associação de Mulheres Organizadas de Jardim teve sua proposta de Projeto de Inclusão Produtiva (PIP) aprovada pelo Projeto Viva o Semiárido. Por meio desse projeto puderam, então, investir no fortalecimento da criação de galinhas caipiras na busca por melhoria da qualidade de vida de suas famílias e da comunidade. A iniciativa vem crescendo e, hoje, inclui quintais agroecológicos produtivos, contribuindo para a autonomia das mulheres envolvidas.



PROJETO

VIVA O SEMIÁRIDO – PIAUÍ

Apresentamos com esse artigo a experiência da Associação AMOR de Jardim, localizada no município de Ipiranga do Piauí, no território do Vale do Sambito. Composta por cinquenta mulheres, 43 delas estão trabalhando para o fortalecimento da criação de galinhas caipiras, visando autonomia social e econômica. O artigo demonstra a importância do processo de autoorganização das mulheres e o potencial da criação de galinha caipira, sob a visão sistêmica, agroecológica dos quintais produtivos.

A partir da descrição e análise de resultados, apresentaremos conclusões e recomendações para que essa experiência possa ser considerada como referência em outras realidades.

IMPLEMENTANDO AÇÕES DO AMOR

Com o intuito de valorizar o trabalho das mulheres rurais no Semiárido, o Projeto Viva o Semiárido (PVSA), uma ação do Governo do Estado do Piauí em parceria com o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (Fida), estabeleceu em seu desenho que elas fossem um dos públicos prioritários das suas ações.

A comunidade de Jardim se localiza no Território Vale do Sambito, ocupando 3,2% da área do Piauí e abrigando 114.688 habitantes¹. A localidade é formada por 123 famílias que trabalham com agricultura familiar, desenvolvendo atividades como agricultura de subsistência de sequeiro, a criação de pequenos animais, galinha caipira e suínos para o autoconsumo e a geração de renda.

Com atuação nas comunidades de Jardim I, Jardim II e Mina, a Associação de Mulheres Organizadas de Jardim foi fundada em 2008.

Somente em 2015 as membras tomaram conhecimento a respeito do PVSA, durante as reuniões do Conselho Municipal de Desenvolvimento Sustentável e decidiram lutar para que o projeto investisse na comunidade.

Em 2017 as mulheres conseguiram ter sua proposta de Projeto de Inclusão Produtiva (PIP) elaborada e aprovada pelo PVSA, envolvendo 43 mulheres, das quais dezesseis são jovens. Esse processo contribuiu para o fortalecimento das mulheres da Associação, visto que elas estavam desanimadas, após uma série de projetos que não haviam se efetivado.

O objetivo da experiência foi promover a inclusão produtiva das mulheres para geração de renda e melhoria da organização social e da qualidade de vida, por meio da qualificação da criação de galinhas caipira, contando com um recurso total de R\$ 247.000,00.

O investimento prevê assessoria técnica para a implantação e pós-implantação do PIP, no apoio ao aprimoramento das práticas de manejo e das condições de infraestrutura. Isso inclui a construção de aviários em todas as unidades produtivas, e o cercamento dos quintais.

Para tornar essa ação viável, foi necessário considerar a dificuldade de acesso à água na comunidade, demandando a construção de uma cisterna calçadão de 52 mil litros e de um poço, além da compra de equipamentos produtivos: forrageira, chocadeira, balança, pluviômetro, comedouros e bebedouros. A instalação de uma placa de identificação do projeto foi realizada, bem como a aquisição de um kit de informática.

BINGO!

A partir de sua constituição em 2008, com o apoio do Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais (STTR) de Ipiranga, a Associação de Mulheres Organizadas de Jardim se organizou na busca por projetos, ações, apoios que trouxessem a melhoria da qualidade de vida da comunidade. As dificuldades eram muitas, como a falta de água, de luz, de atendimento médico, de comunicação, de transporte para a sede do município. Tanto as moradias como a segurança alimentar e nutricional estavam precárias.

Inicialmente, elas lutaram para que fosse colocado um telefone público na localidade.

Em seguida, perceberam que poderiam se ajudar mutuamente, passando a realizar leilões, festas, bingos e rifas, arrecadando recursos para contribuir na gestão da associação, na realização de atividades locais e no apoio às demandas da população. Um exemplo dessas ações foi o sorteio de cestas básicas a partir da contribuição das próprias integrantes com um quilo de alimento. Com a realização de bingos, elas arrecadaram recursos suficientes para pagar a escritura da sua terra.



¹ Dados do IBGE, 2010.

As mulheres envolvidas no projeto possuem a média de doze matrizes de galinha e um galo por família, em um total de 550 matrizes e 43 galos. Com o objetivo de garantir alimento para as galinhas, o projeto providenciou a plantação de sorgo granífero e aquisição de 215 sacos de milho.

Foi prevista também a estruturação de uma horta coletiva irrigada.

Os quintais são espaços produtivos cuja gestão está tradicionalmente sob o controle das mulheres. Além de proverem parcela importante da alimentação das famílias, são essenciais para a conservação da agrobiodiversidade. (OLIVEIRA, 2009, p. 35)²

Quanto à gestão do projeto, foi estabelecido um processo participativo com a composição de equipes de trabalho, cada uma contando com três integrantes: uma de licitação e compras, uma de fiscalização (da qualidade do material, construção da obra e equipamentos e dos serviços), uma de comercialização e uma coordenação.

² OLIVEIRA, Cidvânia. Mulheres construindo agroecologia. Revista Agriculturas, S. I., v. 6, n. 4, 2009.

Três elementos são centrais no processo de implementação e execução das ações do projeto das mulheres da AMOR Jardim, começando pelo associativismo, que visa o fortalecimento para melhoria da qualidade de vida da comunidade. Ao mesmo tempo em que o processo de auto-organização das mulheres busca a transformação das relações desiguais de gênero, foca ainda na autonomia econômica através da geração de renda.

O resultado que registramos até o presente momento no que tange o associativismo, é que as reuniões para a construção e defesa do projeto contribuíram para o fortalecimento da associação. Antes, esses encontros aconteciam com menor frequência e com pouca participação das integrantes.

Vencidas as propostas anteriores, frustradas, atualmente superam juntas os momentos de fragilidade.



Ao observarmos a perspectiva do fortalecimento da organização produtiva para a criação de galinha caipira, até o presente momento, com a construção dos aviários das unidades produtivas, identificamos a melhoria do manejo e gestão dos quintais produtivos.

Mesmo que, inicialmente, a proposta tivesse como foco a avicultura, percebemos como potencialidade ampliarmos o olhar e a assessoria de forma agroecológica para o quintal produtivo. Integrar essa criação à produção de hortaliças, de frutas, a plantação de forrageiras, dentre outras. A busca é por uma produção com maior autonomia, para que haja menor compra de insumos externos, como por exemplo, para alimentação das galinhas caipiras, proporcionando um ganho econômico.

Estando em processo de implementação, não é possível ainda calcular o impacto no que concerne à geração de renda. Para isso, pretendemos trabalhar com a metodologia das cadernetas agroecológicas³. Esse instrumento de gestão possibilita monitorar a produção desses quintais, mensurar o valor apropriado para o autoconsumo e a geração de renda trazida pelo trabalho das mulheres.

³ São tabelas preenchidas cotidianamente com as seguintes informações: produção; venda; troca; doação. Após o registro, são feitos os equivalentes monetários, sendo possível demonstrar o valor real do trabalho e da produção das mulheres na unidade produtiva.





ANIMAIS DE PEQUENOS PORTE, COMO A GALINHA POR EXEMPLO, SÃO CRIADOS SOLTOS E CUIDADOS PELAS MULHERES

A MAIOR RIQUEZA

As mulheres rurais realizam historicamente uma série de trabalhos na unidade produtiva, em suas comunidades, que são culturalmente invisibilizados, como a criação de pequenos animais, o plantio de hortaliças e fruteiras, a multiplicação e guarda de sementes, além da produção de alimentos.

Além disso, são atribuídos a elas o trabalho doméstico e os cuidados com a família, ou seja, a criação das/os filhas/os, a limpeza da casa, a produção de alimentos, a gestão das águas. Tantas atividades dificultam sua participação nos espaços coletivos e de organização política, sobrecarregando-as.

Somando-se todos esses fatores, muitas das políticas públicas – como à assessoria técnica e crédito – resultam além do alcance de grande parte das mulheres de comunidades rurais. A intenção foi envolver as mulheres na gestão, comercialização e controle das ações, contribuindo para que elas se apropriassem dos processos e se responsabilizassem pela sua plena realização.

Com relação ao trabalho de criação de galinhas caipiras – historicamente realizado pelas mulheres – buscou-se aprimorar a infraestrutura para a produção, possibilitando contribuir com a diversificação da produção nos arredores de casa. Ao longo do acompanhamento realizado pelo PVSA, foi percebida a necessidade de olhar para os quintais produtivos de forma sistêmica, diversificada e integrada.

Avaliamos que o associativismo trouxe o fortalecimento da entidade. Com aumento da sistemática de reuniões, com maior e mais qualificada participação, com crescimento do envolvimento coletivo nas ações. Um indicador desse fortalecimento tem sido a atuação das mulheres que compõem as comissões de licitação e compras na fiscalização e coordenação das compras e entregas de materiais para a construção do poço e dos aviários.

Muito contribui a animação das mulheres por ver, pela primeira vez, um projeto sendo implementado na comunidade e como possibilidade de novos aprendizados e projetos futuros. Por outro lado, como limitante temos a falta de recursos para os constantes deslocamentos necessários das integrantes até a sede do município.

Olhando para a auto-organização das mulheres e para as mudanças nas relações de gênero, consideramos que – por ser a associação um espaço específico de mulheres – elas se sentem à vontade para compartilhar vivências, dificuldades, medos, como também resistências e aprendizados.

Percebem-se revigoradas como mulheres e como integrantes da associação e da comunidade. Ilustrativa tem sido a participação de algumas delas em atividades fora da comunidade, em espaços de representação, como sindicatos, conselhos e os comitês do PVSA/URGP4, consolidando ações de solidariedade e trabalho coletivo.

Contudo, seguem sentindo dificuldades em relação às questões de gênero. Manifestações de machismo na comunidade frequentemente as coloca em situações constrangedoras em espaços de participação mista.

Consideram-se restringidas quando não são ouvidas e não têm suas opiniões consideradas, assim como quando sob pressão da sobrecarga dos trabalhos doméstico e de cuidados com a família.

Quanto à geração de renda e autonomia econômica, vemos a grande potencialidade da Associação e de suas integrantes, ocupadas que estão com a duplicação do número de animais. A alegria delas por ter um aviário em seu quintal, é expressa por uma beneficiária durante uma oficina: “Hoje até as galinhas têm casa de telha. Parece casa de rico”.

Um destaque para projetos produtivos específicos de mulheres está no reconhecimento coletivo de sua contribuição para a renda e a economia das famílias, que muitas vezes se reflete no aumento da autonomia, da liberdade e na diminuição da violência.

Para isso, o apoio da assessoria técnica da Cooperativa de Produção e Serviços de Técnicos Agrícolas do Piauí (Cootapi), da UGRP e UGP5 do PVSA, tem sido fundamentais. O mesmo vale para o interesse e o envolvimento do grupo na execução do projeto.

⁴ UGRP: Unidades Regionais de Gestão de Projetos.

⁵ UGP: Unidade Gestora de Projetos.

O LUGAR DA MULHER? TODOS OS LUGARES!

Com a experiência da AMOR Jardim aprendemos a importância dos espaços de auto-organização das mulheres. Constituem lugares de fortalecimento da solidariedade, de troca de experiências, de aprendizado coletivo. Enquanto trabalham em prol da melhoria de vida de toda a comunidade, buscam reconhecimento do seu trabalho e da sua contribuição econômica como sujeitos.

Vimos ainda que o associativismo e a organização coletiva são estratégicos para atrair projetos e ações que venham beneficiar as comunidades, ao mesmo tempo que estabelecer parcerias se mostrou fundamental para dar força e suporte que resultem em um desenvolvimento rural sustentável e solidário.



Quanto à geração de renda e autonomia econômica, o grupo tem demonstrado uma grande potencialidade. A alegria de ter assessoria técnica de um projeto valorizando e investindo em seus trabalhos tem feito com que o grupo se envolva ativamente, pensando, inclusive, em se organizar para além da criação de galinhas caipiras.

Um diferencial da AMOR Jardim está na resistência cotidiana, independentemente das dificuldades; na organização coletiva mediante as descrenças; na solidariedade diante de uma lógica individualizante; e na capacidade de crer que é possível ter dias melhores, mesmo que sejam grandes os desafios.

Propomos que sejam aprofundadas as reflexões e a assessoria contínua e especializada na perspectiva de gênero e na agroecológica, de forma a contribuir para a compreensão sobre os motivos e os mecanismos das desigualdades nas relações de gênero.

Reflexões e assessoria contínua valem também para a agroecologia.

Um olhar sistêmico, diverso e integral para os agroecossistemas, possibilita pensar nas produções de forma relacional e contribui de forma positiva para a melhoria na qualidade de vida e do bem viver nessas comunidades.

As questões relacionadas ao registro dos custos e receitas serão respondidas a partir da aplicação do instrumento das cadernetas agroecológicas. Vale enfatizar que o trabalho com as cadernetas pode contribuir não apenas para registrar, monetizar e sistematizar os dados da produção, mas também para visibilizar a contribuição econômica das mulheres.

REUNIÃO SOBRE SISTEMATIZAÇÃO COM MULHERES DA AMOR JARDIM EM REUNIÃO DO DIA 11 DE OUTUBRO DE 2018.

PROJETO
viva o
SEMIÁRIDO



ESSA EXPERIÊNCIA FOI CONTADA E ESCRITA POR:

Sarah Luiza de Souza Moreira

CIENTISTA SOCIAL

Consultora em Gênero, Raça/Etnia
e Geração do Projeto Viva o Semiárido
sarahluiza1982@gmail.com



De pingo d'água também se vive

CRIANDO E INOVANDO POSSIBILIDADES DE SUSTENTABILIDADE PARA A AGRICULTURA FAMILIAR NO SEMIÁRIDO CEARENSE

por Inês Mapurunga

A concretude e o êxito da cadeia produtiva de fruticultura irrigada ocorreram quando a Associação do Vale do São Bento, em Quixeramobim, Ceará, integrou união, vontade, determinação, organização, planejamento e – sem esquecer – assistência técnica aliada ao apoio de parcerias.

Projeto
São José III

PROJETO

SÃO JOSÉ III/BANCO MUNDIAL – CEARÁ

O projeto São José, é um grande parceiro do Projeto Paulo Freire executado pelo FIDA no Ceará.

A experiência a ser apresentada trata do Projeto São José III de fortalecimento da cadeia de fruticultura irrigada, com foco na agroindustrialização e comercialização, com vistas à melhoria de renda dos agricultores familiares e o fortalecimento do associativismo e do cooperativismo.

Com o investimento e assessoria técnica da Secretaria do Desenvolvimento Agrário (SDA), do Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável (PDRS) e do Projeto São José III (PSJ III) – e a partir da iniciativa da Associação dos Produtores do Vale do São Bento (APVSB) –, a intervenção foi concretizada no contexto de um Arranjo Produtivo Local (APL).



“Nesse vale ninguém mais passará fome e nem será humilhado.”

A experiência acontece no Semiárido cearense, no município de Quixeramobim, no Vale do Rio Forquilha, mais precisamente na Associação dos Produtores do Vale do São Bento. Tem como protagonistas os/as agricultores/as familiares, que desenvolvem atividades da cadeia da fruticultura irrigada com cultivos de cajá, caju, manga, goiaba, acerola, graviola, maracujá, sapoti, dentre outras.

Nessa área geográfica habitam em torno de 1.300 famílias, distribuídas em dezessete comunidades. Essa experiência de agroindustrialização e comercialização de frutas complementa a formalização de uma cadeia produtiva da agricultura irrigada, que surgiu no final dos anos de 1980 com a produção de horticultura e fruticultura no vale.

Em 1987, um grupo de agricultores cria a Associação dos Produtores do Vale do São Bento, cujo lema, “Neste vale ninguém passará mais fome e nem será humilhado”, consiste em uma resposta aos acontecimentos ocorridos em períodos de seca, que tornava o contingente populacional do Vale do Forquilha cada vez mais pobre pela escassez de água e alimento.

No percurso dessas inquietações sociais surgem novas e necessárias parcerias, dentre elas o Sebrae¹, a Ematerce², o Banco do Nordeste e a Secretaria da Agricultura (então Se-

¹ Sebrae: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas.

² Ematerce: Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará.

cretaria do Desenvolvimento Agrário). A atuação da Secretaria ocorre por intermédio do Programa de Apoio ao Pequeno Agricultor, atualmente Projeto São José, este presente em todas as fases desse projeto.

Em 1989, outra parceria leva a uma proposta de perfuração de poços tubulares, também conhecidos como poços aluvionares. Um time de geólogos, agrônomos, antropólogos e outros pesquisadores da Universidade de Tours, na França, com o apoio do poder local e da Universidade Estadual do Ceará, incentivam e apoiam essa tecnologia social e sustentável com a finalidade do abastecimento humano.

Sendo a vazão dos poços bem maior que a esperada, foi possível desenvolver um sistema de irrigação para beneficiar a produção então voltada para a subsistência. Trata-se de um sistema de irrigação por microaspersão e gotejamento, em que a água é acrescida de fertilizantes (fertirrigação), limitando os riscos de contaminação das águas subterrâneas pelos insumos químicos.

Foi batizado de Projeto Pingo D’Água.

No Vale do Forquilha, inicialmente, apenas 21 famílias agricultoras acreditaram que seria possível produzir frutas para além do consumo por meio dessa tecnologia.

Comprometido por uma grande enchente em 2004, logo em 2005 o projeto retoma suas atividades e, com o apoio do PSJ, é instalado um novo sistema de irrigação que deu o padrão inicial do Pingo D’Água.

As 21 famílias de agricultores retornam a plantar, produzindo três vezes mais o que produziam no início.



“Quando nós vimos a possibilidade de perdermos a venda de nossos produtos porque não estávamos organizados, foi que buscamos formar uma cooperativa, que é a Coopvale”

SR. DEUSIMAR CÂNDIDO DE OLIVEIRA, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO

No ano de 2012 a Associação passa a produzir e comercializar para o Programa de Aquisição de Alimentos da Agricultura Familiar (PAA) e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE).

Fundam nesse ano a Cooperativa dos Agricultores Familiares do Vale do Forquilha (Coopvale), forma jurídica de agregação que elimina a impossibilidade de lucro, imposta pelo estatuto da associação.

Agricultores e também outras associações aderem, visando organizar a produção e assegurar a comercialização das frutas in natura. Essa movimentação, que busca recursos por meio do PSJ III para incrementar a produção, é fruto de uma discussão dos movimentos sociais a partir do final de 2014 a início de 2015.

Em 2015, a APVSB inicia por conta própria a agroindustrialização (beneficiamento e processamento) da fruta em polpa.

Objetivando a agregação de valor, finaliza o prejuízo no cultivo de frutas, principalmente no período de safra. Nasce a marca Frutos do sertão.

Novamente, surge o PSJ III produtivo, em 2017, dessa vez fortalecendo as etapas de agroindustrialização e comercialização com um investimento total de R\$ 427.331,50 e contrapartida financeira de R\$ 8.260,47. Esse investimento possibilitou a construção da agroindústria de frutas, inserção de maquinários, câmara de resfriamento e transporte adequado com câmara de resfriamento. A assessoria técnica pôde ser fortalecida por um ano, oferecendo capacitações em cooperativismo, associativismo, gestão e organização, entre outras.

Elaboram ainda, com empresa específica, o Plano de Negócio reforçando o Arranjo Produtivo Local. Apoiam, assim, a associação/cooperativa na perspectiva futura de se trabalhar em redes de cooperativas.

“Quando vimos a alta produção de frutas que muitas vezes ficavam desperdiçadas, outras frutas de padrão inferior que eram comercializadas num preço muito ruim, foi que vimos a necessidade de processar essas frutas.”

SR. DEUSIMAR CÂNDIDO DE OLIVEIRA, PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO

COOPERATIVA MADURA

Atualmente, trinta famílias associadas à Vale do São Bento fazem parte da Coopvale. As demais associações circunvizinhas somam um total de 62 famílias cooperadas.

Nos últimos seis anos, devido à estiagem, a produção de frutas da Associação dos Produtores do Vale do São Bento diminuiu. Com isso, vários produtores da região se integraram ao sistema de arranjo produtivo local. Comercializando sua produção através da Coopvale, também dela se beneficiaram.

Com o incremento no projeto de agroindustrialização, houve maior volume de produção e comercialização da cooperativa. Consequentemente, o raio de atendimento para a venda de seus produtos veio a se ampliar, ultrapassando o limite municipal de sua área geográfica.

A princípio, a cooperativa atendia algumas escolas da rede pública de ensino do município de Quixeramobim. Depois do incremento à sua Agroindústria, atende, além de todas as escolas da rede pública de ensino do município de Quixeramobim, também as de vários outros municípios a grandes distâncias da área da agroindústria. São estes: Parambu, Aiuaba, Arneiroz, Catarina, Tauá, Quiterianópolis e Acopiara.

Na totalidade, a Coopvale fornece fruta beneficiada e processada a cinquenta escolas, aos supermercados e lanchonetes de Quixeramobim.

As polpas solicitadas pelas escolas são aquelas de frutas que dão alto rendimento em suco: cajá, caju, acerola, goiaba e a manga. Já as polpas nobres provêm de graviola, maracujá e sapoti; mais caras, são produzidas para os supermercados e lanchonetes, armazenadas em câmara fria e comercializadas fora da época.



“Agora esse recurso circula entre nós, gerando emprego, caminhões agregados na distribuição, tantas coisas... A dinâmica desse recurso gera muito trabalho e renda para familiares, tanto na produção quanto na distribuição e comercialização.”

“A continuidade das comunidades rurais do amanhã é a juventude.”

GOVERNANÇA

No Vale do Forquilha, que abriga dezessete comunidades – inclusive a do Vale do São Bento – nem todas as famílias estão em pé de igualdade, no tocante ao desenvolvimento: umas caminham mais à frente do que outras.

As famílias de agricultores que fazem parte da Associação dos Produtores do Vale do São Bento estão mais adiantados. Desde o começo se registra um esforço e a crença nas possibilidades de melhorias. Onde tudo começou com a produção de frutas – início da cadeia da fruticultura irrigada – passou pela agroindustrialização e comercialização, e agora convive com perspectivas futuras de redes de cooperativas.

Boa parte das famílias não associadas do Vale do Forquilha também se beneficiam desse processo de produção, pois a Coopvale compra frutas in natura que antes eram desperdiçadas e hoje são industrializadas.

O melhor exemplo é o do produtor local que atualmente fatura 20 mil reais por semestre sobre a manga. Todavia, antes do incremento da agroindústria da polpa acontecer, essa era uma das frutas mais desperdiçadas.

Os cargos e funções ocupados nesse processo de produção, distribuição, agroindustrialização e comercialização das frutas e polpas são ocupados pelas famílias que fazem parte da APVSB Associação e da Coopvale.

Mesmo sendo associadas, elas prestam serviços e são remuneradas por suas atividades prestadas. Os pesadores e distribuidores trabalham por diária, pesam as frutas e polpas e separam por escola, fazendo, em seguida, as distribuições.

A agroindústria de beneficiamento e processamento da fruta em polpa apresenta a participação massiva de jovens e mulheres. Para além, tem como coordenadora uma jovem filha de uma família associada/cooperada, formada em tecnologia de alimentos. Há também uma jovem que trata da contabilidade e um jovem que trabalha com o sistema de controle público do E-parceria.

INVESTIMENTO FAZ DOBRAR A RENDA

O PSJ III, ao investir no desenvolvimento rural sustentável da Associação do Vale do São Bento, tem como primícia assegurar que os agricultores familiares possam desenvolver o fortalecimento da produção agrícola com sustentabilidade. Proporcionou-lhes acesso a novas tecnologias, capacitação e aprimoramento na gestão. A consequência foi além da melhoria da qualidade de vida: assegurou a permanência das famílias em seu lugar de origem.

Como vimos, a primeira ação nessa história de desenvolvimento não foi bem aceita pelo agricultor.

Para a realidade dos anos 1980, somente seria possível prover uma irrigação para a produção por meio do uso de sistemas de irrigação que consumiam grandes quantidades de água. Água esta que normalmente era proveniente dos açudes que proliferaram no Nordeste devido a políticas públicas de combate à seca.

Descrentes da eficiência do moderno sistema de gotejo, batizaram esse projeto inicial de Pingo D'água. Com os anos, passaram a aproveitar de modo crescente e abrangente de seus benefícios.

Gradativamente (e culminando em 2017), a Coopvale começa a sentir a necessidade de um maior incremento da agroindustrialização e comercialização, a fim de dirimir questões inerentes ao seu crescimento. Pois o aumento da produção começou a comprometer a qualidade do produto (durabilidade das polpas).

“As polpas de frutas, antes, eram transportadas dentro de caminhões de carrocerias abertas e em isopor, na maioria das vezes, chegavam às escolas em estágio inapropriado para o consumo”.

O espaço físico da agroindústria se tornara limitado, dificultando logística e, por extensão, a gestão. Expandir se torna condição para que a Coopvale possa prestar um ajustado serviço às escolas públicas e a alguns supermercados de Quixeramobim, seus compradores, favorecendo um maior incremento à sua renda.

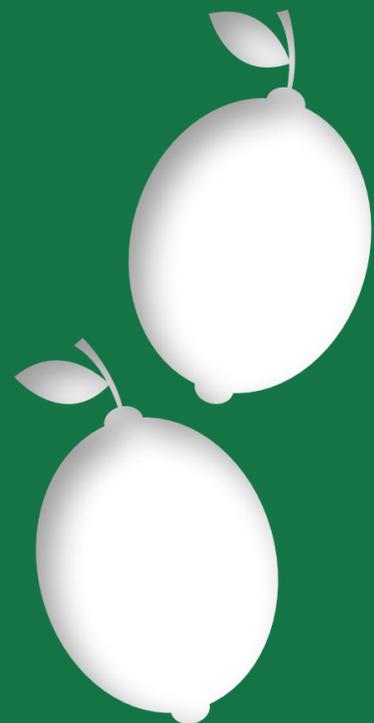
Graças à Agroindústria financiada com o apoio do PSJ III, a Coopvale – incluindo a Associação dos produtores do Vale do São Bento – expandiu sua produção. Fortaleceu a capacidade de produção e acessou novos mercados, ultrapassando fronteiras e comercializando seus produtos, inclusive para outros municípios do Sertão Central e do Sertão dos Inhamuns, do estado do Ceará. Foi possível, então, incluir o atendimento a seis novas escolas da rede estadual de ensino.

Traduzindo os resultados em termos quantitativos, observamos que um resultado quase dobrado nos últimos anos:

A renda bruta da Associação pela venda da polpa de fruta às escolas entre os meses de abril de 2017 a março de 2018 totaliza R\$ 1.023.579,38.

Continuaram a crescer: com o incremento do projeto através da agroindústria da polpa de fruta, é possível observar que a renda bruta no primeiro semestre de 2018 chegou a R\$ 938.392,23.





CONCLUINDO

A Associação dos Produtores do Vale do São Bento/Coopvale é um exemplo de que o investimento de políticas públicas, direcionadas e com foco, permitem que mesmo as comunidades localizadas nos grotões do Semiárido nordestino podem conviver com o estigma da seca.

É possível encontrar alternativas para sua permanência em suas comunidades com dignidade e crescimento econômico, por meio da produção local e desenvolvimento do cooperativismo que assegura renda e segurança alimentar e nutricional.

Foi possível tirar de lições nessa experiência que:

- a existência de grupos organizados, com objetivos definidos e boa articulação, geram oportunidades e desenvolvimento local sustentável;
- o agricultor familiar precisa se aliar com o mercado e organizar sua produção de forma a atender as demandas deste, considerando a segurança alimentar e nutricional;
- a Assistência Técnica consiste em elemento fundamental para o desenvolvimento da agricultura familiar;
- o poder público é imprescindível no fortalecimento das ações de inclusão econômica do agricultor familiar em todos os estados; e
- com acesso a tecnologias e à assistência técnica, é possível produzir e viver no Semiárido cearense.

PROCESSAMENTO PÓS-COLHEITA

O PSJ III produtivo veio para fortalecer a produção local dos agricultores familiares respeitando as origens da comunidade.

Floriu e permitiu, literalmente, a colheita de tantos frutos por possibilitar que os projetos nasçam dentro de suas realidades, com foco no que beneficiários já vêm desenvolvendo.

É com esse viés do respeito às culturas, características e aptidões locais que é possível obter êxitos no projeto.

Projeto
São José III



CEARÁ
QUIXERAMOBIM



ESSA EXPERIÊNCIA FOI CONTADA E ESCRITA POR:

INÊS MAPURUNGA

GEÓGRAFA

Técnica do Projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável (PDRS)
– Projeto São José III (PSJ III)

ines.mapurunga@sda.ce.gov.br | inesmapurunga@yahoo.com.br

168

169

Agradecimentos

Sempre que vamos escrever um livro, pensamos com muito cuidado e carinho no conteúdo que queremos entregar aos nossos leitores e leitoras, e dessa vez tínhamos um novo ponto de atenção, pois as histórias seriam contadas por pessoas que vivem de perto, no seu dia a dia o apoio aos produtores e produtoras rurais, que são os técnicos e as técnicas dos projetos apoiados pelo FIDA.

A atenção para escolher as pessoas que (re)aprenderiam a escrever as histórias para outras pessoas lerem, logo foi dando lugar aos encontros e processos de capacitação e os relatos de cada um e cada uma presente.

Pouco a pouco, todos estavam escrevendo com paixão as suas “boas práticas” trazidas de cada Estado do Nordeste Brasileiro e contando com orgulho os casos que escolheram para compor este livro e ganhar o mundo.

Para que nenhum conhecimento fique preso, se escreve um livro e se conta um caso, pois como disse Paulo Freire “Ninguém sabe tudo. Por isso, aprendemos sempre.” E a ideia principal dessa publicação é que por meio de práticas bem sucedidas, novas experiências de sucesso possam surgir.

Queremos agradecer a todas as pessoas que fizeram dessa ideia, uma linda publicação que está em suas mãos, sendo nossa gratidão destacada a cada agricultor e cada agricultora do Nordeste do Brasil, que ajudam a manter vivo o nosso semiárido, nossas matas e nossa cultura alimentar. Agradecer a cada artesão e artesã, que vivem diariamente na alegria de preservar a cultura por meio de peças e arte.

Agradecemos a todos os Projetos apoiados pelo FIDA, Projeto Pró Semiárido na Bahia, Projeto PROCASE na Paraíba, Viva o Semiárido no Piauí, Dom Helder Camara do Governo Federal, Dom Távora em Sergipe e o Projeto Paulo Freire no Ceará.

O Programa Semear Internacional tem um papel estratégico, que visa à troca de experiências entre pessoas e países e junto com o FIDA e o IICA, muito se alegra em poder colaborar com a disseminação desses casos que vem modificando a realidade de mulheres, homens e comunidades rurais.

Este livro foi impresso em junho de 2019 pela gráfica Papel e Cores. O papel empregado foi o couche matte 115 g/m² e as fontes utilizadas são da família Klavika.

